

Gestão do espaço e ambientes de trabalho no CRE

Mestrado em Administração e Gestão Educacional
5º MAGE

Professor Orientador
Professor Doutor Fernando Serra

Agradecimentos

Aos meus familiares pela ajuda e compreensão, em especial à minha esposa Ana Rita Marralha.

Aos meus pais.

Aos meus colegas Fernanda Oliveira e António Pina.

Aos meus amigos.

SUMÁRIO

Introdução -----p.6

Capítulo I - Enquadramento teórico do estudo

1.1. Contexto histórico dos Centros de Recursos -----p.11

1.2. A Acção educativa dos CRE's -----p.17

1.3. Os recursos educativos -----p.19

1.4. Potencialidades educativas do Centro de Recursos -----p.21

1.5. A escola como uma organização em mudança -----p.26

Capítulo II - O Contexto do Estudo

2.1. A Escola e o Meio -----p.33

2.2. O universo escolar -----p.34

2.3. A origem do Centro de Recursos -----p.34

2.4. Recursos materiais -----p.35

2.5. Recursos humanos -----p.37

2.6. Funcionamento -----p.38

2.7. Animação / actividades do Centro de Recursos -----p.39

2.8. Potencialidades -----p.41

Capítulo III - Metodologia/Procedimentos

3.1. Metodologia -----p.44

3.2. Análise documental -----p.46

3.3. Inquérito por questionário-----p.47

Capítulo IV - Apresentação e discussão de dados

1. Os resultados do inquérito por questionário

1.1. Características dos utilizadores (docentes e alunos) -----p.49

1.2. Frequência, permanência e utilização de recursos -----p.52

1.3. A percepção dos espaços ambientes e limitações -----p.59

2. Os resultados da observação

2.1. Observação naturalista -----p.62

2.2. Reflexão -----p.64

2.3. Conclusão -----p.68

Bibliografia -----p.70

Anexos -----p.74

Diz-me e eu esquecerei
Ensina-me e eu lembrar-me-ei.
Envolve-me e eu aprenderei.

(Provérbio chinês)

Introdução

As alterações sociais e tecnológicas que têm acontecido nos últimos tempos levaram à formação da sociedade de informação. Assim, cabe aos professores e responsáveis pelas Biblioteca Escolar/Centro de Recursos, essencialmente, o repensar na responsabilidade que os mesmos têm nas diversas aprendizagens de toda uma comunidade educativa.

A escola tem de se manter actualizada e despertar o interesse dos alunos, tem de diversificar os suportes onde disponibiliza a informação, pois tem de competir num ambiente onde o audiovisual e o digital predomina.

Assim, há que questionar qual o papel da Biblioteca Escolar/Centros de Recursos Educativos, os seus fins e objectivos, assim como o modo como são utilizados os seus recursos e espaços.

A Biblioteca Escolar/Centro de Recursos têm de ser considerados como um recurso essencial da escola, tendo em vista a preparação de indivíduos, capazes de sobreviverem e impor-se num tempo que se aproxima cada vez mais exigente e onde as pessoas preparadas e informadas vingarão com mais ou menos facilidade.

A uma sociedade de informação não pode o nosso país virar as costas, correndo o risco de ficar para trás numa Europa e num Mundo onde o saber e o poder estão cada vez mais interligados - a globalização.

No presente estudo dou a conhecer os resultados de um projecto de investigação, desenvolvido entre Janeiro a Dezembro de 2005 numa escola localizada no centro da cidade de Setúbal.

A necessidade de fazer este trabalho, surgiu da consciencialização que fui tendo da importância da utilização do espaço da Biblioteca / Centro de Recursos Educativos de uma escola.

Tem como finalidade abordar a forma como os utilizadores da B/CRE se apropriam dos espaços e ambientes de trabalho e a forma como os mesmos são geridos.

As leituras feitas, os desafios que foram sendo propostos, despertaram cada vez mais, para a necessidade de fazer uma observação da realidade que vivemos "na escola" relativamente ao espaço da Biblioteca / Centro de Recursos Educativos.

Assim, tendo em consideração a gestão de recursos e espaços, tornou-se útil investigar as diferentes modalidades de utilização.

É também numa perspectiva de inovação que se desenvolve este trabalho, direccionando-o para a gestão e apropriação do espaço pelos utilizadores, investigar como o percebem e o que os leva a diferentes modos de interagir no mesmo.

Começou a fazer cada vez mais sentido a intenção de perceber como se age relativamente à criação de ambientes, utilizando os recursos e espaços disponíveis.

Este estudo foi construído de modo a dar resposta a estas e outras questões, porque cada vez mais a B/CRE constitui um núcleo de organização pedagógica escolar, vocacionado para as actividades culturais e para a informação, constituindo um instrumento essencial do desenvolvimento escolar.

Desta forma, pretende-se contribuir para uma melhor compreensão do papel da B/CRE, a importância da sua gestão e apropriação deste espaço por parte dos seus utilizadores.

Um espaço suficientemente grande, bem localizado, bem equipado constitui sem sombra de dúvida um factor importante que favorece um bom funcionamento de um B/CRE. É evidente que a gestão de espaços difere de estabelecimento para estabelecimento de ensino. Cabe a cada escola fomentar, dinamizar de acordo com o seu público esses mesmos espaços.

Desta forma questiona-se de ***que modo professores e alunos de uma escola utilizam o CRE e de que modo o percebem?***

A "mudança" de que tanto se fala, e que é referenciado ao longo deste estudo, para existir efectivamente, tem de passar por um trabalho colectivo partindo da reflexão que os docentes e restante comunidade educativa façam da profissão docente e que se traduza na concretização de uma experiência, com significado para os alunos.

Assim, actualmente, deve-se reforçar a capacidade de as escolas promoverem a sua própria transformação, com a introdução da inovação, da auto-formação dos professores e de renovação, através da criação/fruição dos seus CRE's.

Como já foi referido anteriormente o CRE é um espaço privilegiado para o desenvolvimento de um conjunto de novas capacidades e competências hoje em dia determinantes no sucesso dos alunos enquanto alunos e enquanto cidadãos da sociedade futura.

Segundo Canário (1992), o CRE é onde se multiplicam as oportunidades de aprendizagem, é o lugar onde é oferecida uma multiplicidade de informação interactiva de extrema importância na nossa prática pedagógica e sobretudo na especificidade das disciplinas práticas, relativamente a temáticas, trabalhos de projecto e trabalhos de interdisciplinaridade.

Foi numa perspectiva de inovação que se pretendeu desenvolver este trabalho, direccionando-o para a investigação das diferentes modalidades de utilização, gestão e percepção dos espaços do CRE, pelos seus utilizadores, numa tentativa de perceber a forma como os mesmos se apropriam dos espaços e recursos disponíveis.

Durante muito tempo, a escola assentou num modelo de ensino centrado no professor, num dogmatismo programático, numa hiper-valorização das suas matérias. Fazendo tábua rasa de conhecimentos anteriormente adquiridos, não respondendo às diversidades e aos condicionamentos sócio-culturais dos alunos, cerceava, a maior parte das vezes, o seu direito ao sucesso e à cidadania. Ainda hoje se sentem as consequências deste tipo de escola visto que um grande número de alunos fica sentado diante do professor esperando receber dele todo o conhecimento onde turmas numerosas e conteúdos extensos completam actualmente o quadro da escola.

A escola e as bibliotecas não podem ignorar os novos desafios que se lhes colocam quando os locais e as formas de aprendizagem são tão diversificados, quando o papel impresso não é já o único suporte de informação, quando o acesso à informação se pode fazer de formas tão diversas que o próprio conceito de biblioteca é posto em causa e ganha terreno a ideia da "biblioteca virtual".

Desta forma, levantaram-se as seguintes questões de investigação:

- A localização das várias zonas de trabalho limita a permanência dos utilizadores do B/CRE?
- Qual a frequência de utilização do CRE pelos alunos e docentes da escola?
- Qual a relação entre os utilizadores, os recursos e os espaços?

E tem como objectivos:

- Apurar níveis de utilização do CRE por parte dos alunos e professores;
- Compreender a relação que cada um tem com o espaço utilizado no CRE;
- Identificar a forma como os utilizadores percebem os espaços do CRE;
- Identificar zonas de trabalho preferenciais.

Confrontado com as diferentes concepções de Centro de recursos, que são tidas pelos seus utilizadores e escolas, e com a problemática de Criação, Organização, Gestão e Animação de um Centro de Recursos, verificou-se existir uma série de aspectos que dão vida e alma a estes espaços, onde cada um a "seu" modo vai tentando inovar e contextualizar a escola nesta nova vaga, onde a revolução tecnológica "domina" a nossa sociedade. Assim como a introdução de novos recursos na escola poderá provocar mudanças significativas na escola, sendo elas muito mais significativas se nós potenciarmos esses recursos inserindo-os nas nossas práticas. «Uma escola mais eficaz, dos pontos de vista educativo e social supõe uma mudança de natureza das práticas pedagógicas, diversificação de práticas pedagógicas adequadas a um público social e culturalmente diferenciado.» Canário (1990).

Assim, o trabalho segue a seguinte linha de organização:

Na introdução, descrevem-se os aspectos mais relevantes que caracterizaram este estudo, tais como objectivos de investigação e sua justificação, questões de investigação, objectivos e limitações do estudo.

No capítulo um, apresenta-se um breve enquadramento da organização da Escola na teoria das organizações, o aparecimento e evolução do CRE.

A evolução da Escola ao longo dos tempos, a influência que a reforma, inovação e mudança tiveram na acção educativa dos Centros de Recursos.

No capítulo dois, é dado a conhecer o contexto onde se insere a investigação realizada: Biblioteca/Centro de Recursos Educativos de uma escola localizada no centro da cidade de Setúbal, a caracterização da escola e do meio, o Centro de Recursos, Recursos Materiais, Recursos Humanos, Funcionamento, Potencialidades Educativas, Animação / Actividades organizadas em colaboração com a B/CRE.

No capítulo três identifico e justifico a metodologia usada neste estudo, de modo a fazer o seu enquadramento conceptual. Apresento pormenorizadamente os processos levados a cabo na recolha e análise dos dados e questionários, meios auxiliares e procedimentos

No capítulo quatro são apresentadas as informações consideradas mais relevantes para este estudo e que foram obtidas através do questionário e observação participante. Para que haja uma melhor compreensão dos resultados dividiu-se este capítulo em três secções. Na primeira descrevem-se as características dos utilizadores professores e alunos inquiridos; na segunda, frequência, permanência e utilização do Centro de Recursos e a terceira percepção e apropriação dos espaços e zonas de trabalho.

No capítulo cinco, são analisados os resultados dos inquéritos realizados. Apresentam-se as conclusões e uma reflexão sobre o estudo onde se pretende responder às questões mais pertinentes que o orientaram: analisar a utilização dos espaços físicos e zonas de trabalho de uma Biblioteca/Centro de Recursos de um estabelecimento de ensino público.

Capítulo I

Enquadramento teórico do estudo

1. Contexto histórico do surgimento dos Centros de Recursos

As transformações e a organização da escola ao longo dos tempos, a acção educativa dos Centros de Recursos nos seus diferentes aspectos são os pontos indispensáveis à fundamentação deste estudo.

A História é a narração do que acontece no tempo, acontecimentos ou percursos, só sendo possível, porque o Homem os foi registando nos mais variados suportes.

As paredes das cavernas, pedras, peças cerâmica, metais, madeiras, cascas e folhas de árvores, o papel e o livro suportaram ao longo do tempo a valiosa acção humana no mundo.

Enquanto muitos se perderam na natureza outros há que perduraram no tempo. O papel em forma de livro, expoente máximo de suporte de informação, devido à sua fragilidade, foi sendo guardado em arquivos de documentação com pouca acessibilidade, onde só um público muito restrito lhes tinha acesso.

Gradualmente, foi-se afirmando o conceito de documentação como um objecto de informação, que permite produzir nova informação. Com este propósito criaram-se os Centros de Recursos Educativos que foram substituindo as antigas bibliotecas.

O objectivo destes Centros de Recursos (CRE) era estimular a utilização da massa documental, de modo a permitir aquilo a que se chamou «a cadeia documental» ou seja recolha, tratamento e difusão da informação.

A quantidade de CRE e a sua interacção permitiram a criação de redes documentais a nível local, regional, nacional e internacional, Canário (1994).

«A informação deixou de ser um bem escasso e dificilmente acessível. A raridade deu lugar à super abundância: como agir e tirar proveito pleno desta massa de informações? Trata-se de uma questão central para o funcionamento de todos os sistemas de formação, incluindo, naturalmente, a instituição escolar» (Canário, 1994). Em Portugal, no decurso da década de 40 foram criadas bibliotecas escolares em todos os liceus à excepção das escolas técnicas, uma preocupação meritória que ficou aquém das expectativas, onde os manuais escolares continuaram a ser obrigatórios. O discurso do professor era a base do conhecimento e as bibliotecas mais não fizeram do que reforçar este discurso, porque o recurso a diferentes pontos de informação era ainda impossível e a biblioteca oferecia uma "imagem" estática dos livros, arrumados lado a lado e fechados em armários com chave.

Nos finais dos anos sessenta, surge o ciclo preparatório, introduzindo-se pela primeira vez os audiovisuais (sobretudo ao nível da telescola), o que veio a alterar a prática na sala de aula. Muitos foram os professores que passaram por esta experiência, onde a inovação também não acompanhou uma política de formação dos professores.

A tecnologia invadiu e revolucionou todas as manifestações da vida com grande incidência no mundo da informação. Por toda a parte proliferaram os materiais escritos e impressos (livros, revistas, jornais etc.) É no século XX que, segundo Canário (1994), "se afirma o conceito de documentação e se assiste ao desenvolvimento e diversificação das técnicas documentais".

Os audiovisuais começaram a impor-se como suportes apetecidos de informação e comunicação, de tal forma que se tornou urgente repensar a biblioteca escolar criada como precioso recurso no processo ensino - aprendizagem, passando, numa primeira fase, de biblioteca a mediateca.

Os meios audiovisuais, sujeitos a uma prévia organização, começaram a ser incluídos na prática pedagógica de alguns professores como recursos educativos, mas esta

inovação, segundo Pessoa (1994), " não foi acompanhada de uma politica de formação dos professores".

Por vezes a utilização inadequada desses recursos, modificaram as práticas pedagógicas mas não criaram consensos, como factor de motivação dos alunos. A inclusão e reconhecimento da importância da utilização destes meios de informação como práticas pedagógicas no sistema educativo, debateu-se com um processo difícil de expansão e difusão pois, como diz Ponte (1997), "encontrou barreiras quer de natureza económica (custo elevado dos equipamentos) quer de natureza funcional (deficiência de produção de materiais, manutenção dos equipamentos, e de formação e apoio dos professores".

Segundo Canário (1994) os audiovisuais podem ser considerados "apenas auxiliares de ensino, um mero suporte ou complemento das palavras do professor", por vezes desligados da tradicional biblioteca escolar e organizados em sectores específicos "respondendo apenas às necessidades de uma organização pedagógica ultrapassada" de acordo com Delannoy (1983). A inovação que se pretendia na transformação das bibliotecas e mediatecas era que pudessem ajudar a comunidade educativa a atingir os objectivos ambiciosos definidos no projecto educativo da escola. A mudança da forma de "ensinar com recursos" para a forma de "aprender por meio de recursos", gerou um intenso movimento a favor dos CRE´s particularmente nos E.U.A. e na Grã-Bretanha, expandindo-se mais tarde um pouco por todo o mundo.

No final dos anos 70, a Comunidade Internacional dispôs-se a encarar este problema percebendo finalmente que era urgente alterar o funcionamento e a reestruturação das bibliotecas escolares. Impunha-se, embora lentamente, o princípio do CRE, como núcleo de organização pedagógica escolar, com diferentes componentes em interacção: equipa pedagógica responsável, os recursos educativos disponíveis e o espaço físico onde as actividades se desenrolam. A consecução e o sucesso dos objectivos do CRE, baseado neste princípio exigia como pré-requisitos, formação adequada da equipa, dedicação de todos os intervenientes, entusiasmo e entrega ao trabalho. Como diz Nóvoa (1989) " é no próprio processo de resolução de problemas

da vida e da escola, na capacidade para os teorizar e para encontrar as respostas mais adequadas que a formação adquire todo o significado”.

Um CRE em que os meios de que dispõe se integram com lógica e naturalidade em situações educativas, que está organizado de modo a favorecer a sua utilização e a multiplicar a eficácia dos meios de que dispõe, mas numa escala pequena, quanto a nós, tem tanta pertinência e utilidade quanto um Centro que abarca um público maior, ampliando a sua dimensão regional, por exemplo, com objectivos de utilização e de formação mais vastos.

A revolução do 25 de Abril, Portugal pôs em marcha um novo conceito de escola com as inevitáveis transformações, embora lentas, do sistema educativo, das práticas pedagógicas e das actividades educativas. O problema da modificação e reestruturação das bibliotecas escolares começou a exigir uma rápida resolução a partir dos anos 80. Alguns professores mais sensibilizados para a rentabilização desses espaços e dos seus recursos no processo educativo dos alunos, frequentaram cursos de formação específica para mais tarde se responsabilizarem pela transformação das bibliotecas escolares em Centros de Informação veiculada em diversos suportes. Com iniciativas várias, esses professores e outros, por eles motivados, tentaram renovar a sua prática pedagógica, com alternativas às metodologias tradicionais de ensino (discurso, diálogo, utilização do quadro), levando os alunos a gerir a sua formação com outros recursos ao seu dispor. Neste sentido, gradualmente, os recursos foram sendo definidos segundo as suas potencialidades de utilização e pela utilização que lhe é dada.

Em 1985, o Ministério da Educação através do Despacho 805/ME/85, conduziu à introdução dos computadores nas escolas de forma sistemática e generalizada (Projecto Minerva). Este recurso veio a ser o grande motor de desenvolvimento e potenciação das novas tecnologias da informação ao serviço da educação, particularmente no ensino básico e secundário.

Mais tarde, o PRODEP (1990/1991) promovido pelo Ministério da Educação, com o objectivo de promover o financiamento para o desenvolvimento de mediatecas

escolares, a formação de professores e autoformação, foi um programa meramente administrativo para responder a alguns problemas pedagógico - organizativos. Tais iniciativas não responderam às necessidades das escolas porque surgiram sem um enquadramento pedagógico correcto. Contudo, o objectivo destas várias iniciativas foi no entanto atingido, promover a implementação de Centros de Recursos, em Portugal, recuperando alguns anos de atraso em relação aos outros países da Europa. A continuidade de todas estas propostas de inovação impostas pelo aparecimento das novas tecnologias, aplicadas no processo pedagógico de ensino/aprendizagem, implicam uma obrigatória transformação da imagem e dinâmica da escola/sala de aula. É claro que a escola não pode estar de costas viradas para este novo mundo, o da informação de «nova vaga». Ao integrar no seu fundo documental os novos e diversificados suportes e linguagens documentais, teve assim que criar ou recriar na maior parte dos casos, um novo espaço que permite dar resposta às exigências da inovação. «A biblioteca deve constituir-se como um núcleo da organização pedagógica da escola, vocacionado para as actividades da escola e fazer parte do seu projecto educativo, não devendo ser vista como um simples serviço de apoio à actividade lectiva ou um espaço autónomo de aprendizagem e ocupação de tempos livres.» Veiga (1997).

Esta inovação propõe encontrar também, encontrar uma forma de ligação mais verdadeira e profunda entre o professor e o aluno com o auxílio das novas tecnologias, onde o espaço para aprender possa superar o espaço para ensinar, ou seja, privilegiar a aprendizagem em detrimento do ensino. O CRE não pode existir apenas para apoiar um discurso pedagógico já ultrapassado. Estes espaços devem existir sobretudo para introduzir a inovação e a criatividade sustentando o binómio aprendizagem/ensino. Para que seja um espaço ideal ele deverá acompanhar a inovação pedagógica e esta por sua vez deve integrar o CRE.

A "inovação" tem de passar por um trabalho colectivo partindo da reflexão que os professores e restante comunidade educativa façam da profissão docente e que se traduza na concretização de uma experiência com significado para os alunos.

Assim, actualmente, dever-se-ia reforçar a capacidade das escolas de promoverem a sua própria transformação, com a introdução da inovação, da auto-formação e da renovação através da valorização deste novo espaço, o CRE.

Sendo identificado como um espaço privilegiado para o desenvolvimento de um conjunto de novas capacidades e competências "as habilidades de informação", hoje em dia determinantes no sucesso dos alunos e no futuro da sua sobrevivência no mercado de trabalho, é também segundo Canário (2004), o lugar onde se multiplicam as oportunidades de aprendizagem e se oferece uma multiplicidade de informação interactiva que todos os professores em todas as áreas devem integrar nas suas práticas pedagógicas.

Analisando ainda a relação entre inovação e os recursos educativos, considera-se pertinente e útil encarar a escola como um sistema organizado de recursos materiais, humanos e simbólicos (Nóvoa, 1995).

A utilização efectiva dos recursos é de longe mais importante do que a quantidade de recursos disponíveis. Quer isto dizer que, mesmo que haja insuficiência de quantidade de recursos, esta situação não deve constituir um pano de fundo justificativo de problemas de funcionamento das escolas e/ou dos resultados pouco satisfatórios de numerosas experiências inovadoras.

Tudo indica que a estratégia pedagógica a adoptar deveria passar pelo uso efectivo dos CRE's de modo a permitir esta interacção, dentro e fora da sala de aula. Mas, infelizmente, a grande maioria dos professores não prescinde de aulas expositivas, manuais escolares, exercícios escritos, etc., com quase ausência de trabalho de grupo, sendo o ensino centrado no professor. Assim os alunos só fazem o que lhes é exigido e não procuram saber mais autonomamente, não investigam.

"É necessário que os professores onde nós nos incluímos, tomem consciência do facto de que o mundo, na sua totalidade é uma fonte potencial de informação e que é essencial, para que os alunos possam viver num mundo cada vez mais complexo, iniciá-los na pesquisa de informação, ensiná-los a encontrar e interpretar a informação de que precisam» (UNESCO, 1986).

Importa aqui salientar que os grandes desafios não estão nos *media*, estão na Educação. Estes devem ser considerados apenas instrumentos ao serviço de uma sociedade do conhecimento à qual cabe o dever de ensinar a descodificar, interpretar e usar, de modo a construir um processo de ensino actual, como refere Veiga (1997) «Salienta-se a necessidade de a biblioteca criar mecanismos que estimulem os professores a integrarem os recursos disponíveis na programação de aulas e em outras actividades escolares, contribuindo nomeadamente para desenvolver nos alunos o prazer de ler e ainda para que estes adquiram o domínio das diferentes linguagens em que a informação circula.».

1.2. Acção Educativa dos CRE's

Desde muito cedo que o homem sentiu desejo e alimentou a ideia de conservar a informação escrita em diversos suportes ciosamente guardados em arquivos ou Bibliotecas.

Na maioria das escolas a biblioteca ocupava uma sala específica onde se conservava um fundo documental, por vezes muito reduzido e desactualizado, à frente do qual se colocavam pessoas pouco preparadas para a função de organização e orientação que lhes era conferida. Segundo refere Pessoa (1994) "Muitas vezes, o professor a quem, pela primeira vez, é atribuída essa responsabilidade, passa parte do ano à procura de alguém que o apoie na tarefa que tem de desempenhar".

Pouco a pouco, as bibliotecas escolares tradicionais foram perdendo poder de resposta às exigências da escola, tornando-se espaços pouco atractivos e pouco frequentados pelos alunos, servindo apenas para apoiar o discurso do professor. Lentamente, vão sendo, na prática, espaços de tal maneira ultrapassados que alguns agentes educativos tentaram a sua modificação e transformação, sem muitas vezes se aperceberem o que essas novas opções implicavam a nível pedagógico e organizativo. Era inconcebível pensar a reforma educativa em Portugal sem se

proceder a uma transformação de fundo do conceito, estrutura e organização das Bibliotecas Escolares.

Refere Canário (2004) existência de um paradoxo neste domínio «a escola, tal como a conhecemos, obedece a uma lógica de ensinar; a biblioteca escolar obedece a uma lógica de aprender. O modo como é resolvido este paradoxo determina se a biblioteca escolar se tornará num apêndice periférico da escola ou se, instituindo-se como o dispositivo central que estrutura a escola, a faz evoluir para um sistema de produção de saberes...»

A integração dos novos equipamentos e recursos educativos na sala de aula e fora dela ajudaram, de certo modo, a transformar as bibliotecas escolares em Centros de Recursos Educativos. Um CRE, na opinião de Canário (1994) " encarado como meio educativo, significa à partida, enriquecimento do estabelecimento de ensino e pode conduzir à sua transformação.

Vários autores como Delannoy e Ponte (1983), consideram que "as bibliotecas devem dar lugar a espaços para a realização de projectos diversificados, à fácil consulta de informação e ao uso de material e equipamentos específicos".

Em 1990/91, todas as escolas através dos concursos PRODEP tiveram oportunidade de se candidatarem a um financiamento para a criação de Centros de Recurso o que infelizmente nem todas aproveitaram por razões várias, atrasando o processo de reconversão das velhas bibliotecas em CRE's. De acordo com Canário e Oliveira (1994), os " Centros de recursos desempenham uma função integradora em relação a todas as actividades que implicam a consulta e a produção de documentos, qualquer que seja o suporte (escrito audiovisual, informático). Distinguem-se, assim, por exemplo, das antigas bibliotecas ou dos actuais clubes, na medida em que procuram contrariar o tradicional emparcelamento dos espaços, a especificação dos meios, e o isolamento das iniciativas".

1.3. Os Recursos Educativos

As rápidas mudanças operadas na sociedade com as novas tecnologias invadiram de forma impressionante o campo da informação e da comunicação. Foram alteradas as fronteiras entre o audiovisual, o informativo e as telecomunicações. Os próprios livros, na sua forma tradicional e em alguns contextos, foram substituídos por formas interactivas de organização, de apresentação e de informação.

Hoje, com os novos meios tecnológicos, desfaz-se a velha confusão de que informação era igual a conhecimento. "Com efeito pode dispor-se de muita informação e não se ser capaz de a utilizar para a resolução de problemas revelando a distinção" (Ponte, 1997).

Para alguns autores como Larsen (1998), "o conhecimento é uma representação interna (subjectiva) da informação" e esta é a "forma de mediação dos conhecimentos socialmente compartilhados". Para este autor é importante o "saber" que considera "... construir-se quando além do acesso à informação se exige a construção de representações internas (conhecimento) e uma prática (desempenho) que molda o conhecimento".

Como refere Canário (1992) "...Um problema que se coloca às escolas é o de encontrar novas respostas para potenciar a aprendizagem utilizando com habilidade, todos os recursos educativos, criando dispositivos documentais adequados aos desafios da sociedade em que vivemos, onde a actividade de ensinar se vai subordinando à actividade de aprender...". Na mesma linha Bento (1991) como os CRE's proporcionam aos alunos "a possibilidade de poder seleccionar e usar a informação, utilizando recursos diversificados".

Convém, no entanto, salientar que os recursos por si só não implicam sucesso. É necessário encontrar formas apropriadas de rentabilização das suas potencialidades. Refere Benavente (1995) que a "forma como se pensam e se utilizam os recursos, marca a relação entre professores e alunos".

Existem vários níveis de significação para o termo recursos. Davis, 1975, citado em Bento (1991), define recurso como "qualquer acção (material ou estratégia) que pode mudar uma situação educativa". Um recurso considera-se educativo quando usado como meio (material ou objecto) do ensino - aprendizagem. Pode ser entendido como recurso de ensino se for usado como meio (material ou objecto) de pedagógico, isto é, quando usado para auxiliar o ensino; e pode ser recurso aprendizagem se usado como um auxiliar (material ou meio) através do qual se chega à aprendizagem. Podemos ter assim o ensino baseado em recursos e a aprendizagem baseada em recursos. No primeiro caso, o ensino passa pela produção, por parte do professor, de textos, fichas de trabalho, questionários jogos etc. que os alunos são motivados a realizar. No segundo, a aprendizagem é definida pela criação de situações em que o aluno se sente envolvido e nas quais ele desenvolve estratégias pessoais.

Na opinião de Bento (1991) "um recurso pode sempre tornar-se mais efectivo modificando-o ou procedendo a algumas alterações se soubermos porque é que o pretendemos usar, sendo que a sua eficácia está ainda dependente da qualidade de informação que transmite". Como refere Davis (1975) "um recurso pode ser, no entanto, definido pelo seu conteúdo intrínseco ou pela utilização que lhe é dada".

Os recursos educativos têm um carácter polivalente e multifuncional que requerem uma boa gestão do professor, de acordo com as situações de aprendizagem, de forma a responder às necessidades do aluno.

As potencialidades dos recursos educativos são consideradas por Bento (1991) do tipo:

- Latente, quando utilizados através de um transportador de informação (por exemplo disquete)
- Passivo, quando contém informações organizadas de uma forma que dificulta a pesquisa (por exemplo alguns tipos de livros)
- Activo, quando contém informações organizadas de tal forma que facilita a sua utilização (software educativo).

A disposição dos recursos do CRE tem de estar de acordo com os objectivos que se pretendem alcançar e com os potenciais utilizadores.

É necessário um conhecimento aprofundado e minucioso do que são recursos para poder organizá-los, de modo a servir melhor a comunidade a que se destinam. Como diz Davis (1975), "nem toda a organização do mundo produz força dinâmica a não ser que sejam tidas em conta as necessidades dos utilizadores". Os CRE's permitem essa organização, adequando-os e tornando-os acessíveis ao utilizador, conjugando difusão da informação e organização. Funcionando desta forma os CRE's, acabam por, como refere Canário (1994) "influenciar os comportamentos dos utilizadores, criando ou fazendo emergir necessidades não explicitadas", que a procura de informação, o uso dos meios técnicos disponíveis e a criação de novos meios, podem satisfazer.

1.4. Potencialidades educativas do Centro de Recursos

Cada vez mais se generaliza a convicção de que o CRE facilita o papel da escola como lugar privilegiado, não só de aquisição de conhecimentos e competências mas, sobretudo, como ambiente de construção de processos de pensamento e de atitudes favoráveis à aprendizagem ao longo de toda a vida.

Grondin (1988), refere que "alunos de baixo rendimento (baixo nível de sucesso), no fim do ano, apresentavam resultados francamente melhores (não só em termos de notas, mas também em termos de confiança e expectativas) com métodos de ensino - aprendizagem em que são utilizados meios diversificados, numa motivação constante".

As potencialidades do CRE, para além da disponibilização de recursos, relacionam-se também com a aptidão e predisposição para a busca de informação em vários suportes, para o desenvolvimento da capacidade e do gosto pela pesquisa e para a construção de um pensamento autónomo. Neste sentido pretende-se que o CRE dê livre acesso a professores e alunos aos meios de informação e de formação ao nível das competências cognitivas e sociais, surgindo não como um objecto em si, mas como

instrumento da própria aprendizagem e da actividade criativa, favorecendo e facilitando a mudança.

A consecução dos objectivos de cada CRE e a sua plena inclusão no Projecto Educativo da escola, contribuem para a formação de cidadãos críticos activos e intervenientes na sociedade. Os professores, agentes educativos em formação contínua, com a sua adesão ao CRE sentem reduzida a sua inércia relativa à mudança de mentalidades e ao uso das novas práticas pedagógicas, no quotidiano das suas intervenções educativas.

Estes processos mentais e de acção estão na base de um pensamento criativo que só ficará completo se lhe juntarmos o aspecto da comunicação aos outros.

Com os CRE's não se pretende substituir a sala de aula, nem diminuir o papel do professor. Pelo contrário, o CRE, dentro ou fora da escola, pela sua caracterização diversificada, oferece diversificação de meios de ensino - aprendizagem que contribuem para melhorar o papel do professor/educador e para fortalecer a relação escola - meio. Ouvindo alguns professores, envolvidos em experiências de criação de CRE's em várias escolas portuguesas, deduz-se que a concepção desses centros assenta numa base comum - espaço onde existem recursos diversificados e fontes de informação variada - mas a ênfase da função do CRE é muito diversificada. Por um lado, uns evidenciam as vantagens de ter um espaço onde se disponibilizam aos utilizadores os materiais organizados que lhes dão acesso à informação - Centros de Recursos estáticos e passivos. Outros há que realçam o carácter formador do CRE perspectivando metodologias de trabalho, possíveis de serem transpostas para a sala de aula.

Para alguns, ainda, o CRE, além das características já apontadas, pode ser o espaço em que o meio envolvente se entrecruza com a escola, quando directamente ligado e aberto à comunidade local, favorece a criação de projectos de interesse comum para resolução de problemas locais ou regionais, constituindo-se como um pólo dinamizador da formação das pessoas. Canário (1988) afirma que " a participação comunitária permite não só adequar projectos a necessidades reais da população, mas também um

aproveitamento intensivo dos recursos locais (conhecimentos, competências) e a otimização de recursos externos.

Podemos assim falar de diferentes tipos de CREs, de acordo com a amplitude dos seus serviços e funções: nível máximo de âmbito nacional, nível médio de âmbito regional ou local e os de nível mínimo Centros de Recursos Escolares. Os serviços prestados por estes CRE's embora distintos, são complementares em função das suas potencialidades.

Cada Centro de Recursos deve ser delineado de acordo com as suas características peculiares. No que respeita ao CRE deve ter em conta o número de alunos, a procura do corpo docente, as características do grau de ensino e do currículo, as possibilidades económicas e de pessoal e a cobertura geográfica. Espaço e instalações têm de estar de acordo com as suas funções. O equipamento e material compatível devem responder à dimensão do CRE e às necessidades dos utilizadores.

A diversidade de meios e de técnicas justifica-se pelas diferenças psicológicas e sociológicas dos alunos. Como diz Benavente (1987), "a diversificação supõe propostas pedagógicas centradas nos alunos (e não exclusivamente nos professores), de alargamento do espaço educativo, de pluralidade de competências e de excelências, de pluralidade de meios pedagógicos e de modos de trabalhar para um mesmo tipo de aprendizagem a realizar; assim, cada aluno poderá encontrar espaços de apropriação do trabalho e nele inscrever os seus modos sociais e pessoais de fazer".

À escola compete responder a diversidade dos alunos que provêm, em geral, de grupos culturais e socio-económicos diferentes. Hoje em dia não podemos esquecer que a sociedade tem diferentes linguagens e que nem todos compreendem a linguagem da escola e, que por vezes, esta recusa linguagens que não se esforça por entender. Acontece que a instituição escolar obrigou todos a terem uma instrução uniforme.

A experiência e a prática pedagógica vai confirmando que, para poder acompanhar a evolução dos conhecimentos, o aluno tem de ser autónomo e procurar informação mas a sua liberdade de escolha deve ser orientada, É preciso ir ao encontro dos

interesses das crianças sem as limitar a esses interesses imediatos, mas a partir deles abrir-lhes novos caminhos. Um CRE bem equipado será da máxima utilidade para que o professor esteja apto a propor alternativas, com estilos cognitivos diferentes e valores também diferentes.

É por isso importante a diversificação de recursos de ensino - aprendizagem no CRE, porque, segundo o parecer de professores implicados na sua criação, ele pode ser um local de confronto de ideias, de divulgação de materiais e de processos e, ainda, de disponibilização de meios.

Uma articulação mais interactiva entre o CRE e a sala de aula numa perspectiva de produção de saberes, aconselha um forte investimento nas actividades de produção (de alunos e professores) no quadro de projectos de trabalho conduzido por equipas pedagógicas, e na divulgação e debate de experiências "exemplos" na utilização do CRE.

Numa fase em que o CRE se afirmou e consolidou, alargando-se e diversificando o público utilizador, recomenda-se a criação de mecanismos que permitam uma mais directa implicação dos utentes na vida e na orientação do Centro de Recursos, o que constituirá um recurso suplementar para o seu desenvolvimento.

Tal como diz Barroso (1989) "O Centro de Recursos como Centro Multidimédia é um Centro para todas as disciplinas e para uma vasta diversidade de actividades educativas, um Centro para o estudo e o lazer, para o curricular e extracurricular, para a leitura, para a escrita, para a consulta e para a produção."

No ano 2000 foi publicado um documento intitulado "IFLA/Unesco School Library Manifesto: The School Library in Teaching and Learning for All", documento esse que foi bem aceite em todo o mundo e que tinha como grande objectivo ajudar a promover as bibliotecas escolares, regionais e nacionais: "Cabe aos Governos, através do seu Ministério da Educação, desenvolver estratégias políticas que permitam implementar os princípios do presente manifesto".

Segundo o referido documento as funções da biblioteca passam por ter em conta os seguintes aspectos:

- curriculum escolar;
- método pedagógico da escola;
- cumprimento dos requisitos que desejam alcançar a nível local e nacional;
- necessidades de pessoal docente;
- níveis de rendimento.

Assim, os elementos que contribuem para a criação de uma biblioteca escolar administrada de forma eficiente e satisfatória são as seguintes:

- espaço físico;
- verbas;
- recursos;
- organização;
- planta;
- promoção;
- uso da biblioteca.

Tudo isto deve constar num plano de acção, com estratégias, objectivos, formas de avaliação. Não sendo, contudo, algo estanque, podendo ser alterado e reajustado sempre que houver necessidade de o fazer, envolvendo toda uma comunidade escolar: Conselhos Executivos, Coordenadores de Departamento, Docentes, Pessoal não docente, Alunos e Encarregados de Educação. Sendo este um local com grande função cultural.

(Directrizes da IFLA/UNESCO para a Biblioteca Escolar)

1.5. Escola como uma organização em mudança

A sociedade actual não se compadece com uma escola parada no tempo, muito pelo contrário, entende que esta instituição deve ser dinâmica e aberta ao meio. A escola deve ser um local onde se desenvolva uma cultura de participação e saiba partilhar a educação com a família e com a comunidade envolvente, exigindo novas posturas, novas responsabilidades de todos os que nela intervêm e contribuem para uma melhoria do ensino.

O papel do docente é agir como mobilizador de todos os outros intervenientes, com objectivo de os levar a dar o seu contributo na educação, para que a instituição realize os seus objectivos. Por isso, é imprescindível que cada um se sinta parte integrante dela.

As diferentes formas de participação na escola, tornam-na num espaço de interacção. Compreender esta interacção leva-nos a conhecer os estatutos de cada membro, os papéis a eles associados, as normas organizacionais e o contributo de cada um para a instituição. A conjugação destes factores define as formas de estar na escola.

Para reflectir sobre uma organização é necessário que se pense nas pessoas que a constituem, que nela trabalham e cooperam para aquisição de objectivos comuns e nas relações que estabelecem entre si. O que fizerem com as suas relações definirá o que é a organização.

É neste contexto que se trocam experiências, e ao mesmo tempo desenvolvem percepções partilhadas e recíprocas. Interações estas que dependem em parte da posição que cada um ocupa no universo hierarquizado e estruturado da organização.

Também Ghilardi e Spallorossa (1989) salientam que nas organizações industriais a acção é orientada para fins lucrativos, enquanto que "o «processo de produção» de uma escola diz respeito a pessoas e não a materiais".

Todas as organizações têm uma cultura própria, que orientam as interacções dos seus membros, de acordo com objectivos organizacionais. A interacção social estabelece o

seu equilíbrio quando os comportamentos esperados coincidem com os comportamentos realizados. As relações entre os membros de uma organização são regidas por um sistema de normas que, por um lado, são o princípio de orientação dos actores no desempenho dos seus papéis, e por outro lado, são fonte de constrangimento na medida em que se constituem como referência para determinar o que é aceitável ou inaceitável.

A forma como os actores vão intervir na organização vai depender da interpretação que estes fizerem dos objectivos organizacionais, dos objectivos pessoais, dos constrangimentos do sistema de acção e das margens de liberdade que cada um resolve utilizar.

O conceito de participação na Teoria das Organizações, do ponto de vista político e/ou organizacional, é susceptível de diversas interpretações: a participação pode apreciar-se, na óptica política, como sendo considerada indispensável para a realização da democracia no país e mesmo a nível organizacional, nomeadamente na Escola. A participação caracterizar-se-á nos processos de decisão a nível de gestão e direcção, bem como das diversas actividades planeadas e realizadas com os intervenientes do processo educativo.

O conceito de participação, embora complexo e multifacetado, assume um significado relativamente preciso no quadro da democracia, como participação, onde é associado à decisão, ao governo, à partilha de poder. Assim, participação ou não participação são orientações opostas que caracterizam a forma como os actores se situam na organização.

Posso, então, afirmar que a escola é uma organização com uma estrutura própria, mais ou menos formal, na qual se organiza e desenvolve todo o sistema de acções entre os diversos intervenientes do processo educativo (professores, alunos, pais, funcionários e outros). É um espaço de interacção orientado por normas próprias (quer as definidas pelo sistema central quer as definidas a nível de cada escola), que permitem a cada actor ou conjunto de actores um certo grau de autonomia, para que possam delinear estratégias de actuação em função dos objectivos organizacionais e

de acordo com os projectos pessoais. Assim, é neste contexto de acção que cada um define as suas formas de participar e viver as actividades escolares. O modo como se estrutura e desenvolve toda a acção estratégica dos actores está, de alguma forma, dependente da percepção que cada um tem da organização.

Seja qual for a natureza e funcionamento de uma organização, as abordagens de análise das suas interacções obrigam a considerar diversos factores, os quais são enquadrados em diversos ramos desde as ciências do comportamento ou sociologia das organizações.

A análise da organização da escola encontrou diversas imagens que estão associadas a diferentes teorias das organizações. Actualmente continua-se a procurar um modelo que procure responder às necessidades e que melhorem o funcionamento das organizações educativas, que solicite mudanças e adaptações a novas realidades.

Na sociedade contemporânea, a escola soube até aos anos sessenta do século XX, transmitir valores imutáveis e que se revelaram valores a preservar, fruto da expansão do ensino e da distribuição mais equitativa dos bens culturais. O espaço escolar como instrumento da democratização cultural, sofreu o reflexo da falha da prosperidade económica, nos finais dos anos sessenta, facto este fundamental para toda a história da educação do século XX. Este é o reconhecimento de que as políticas igualitárias falharam pelo que a própria instituição escola está na origem de um forte movimento social, levando-a a apontar o seu discurso para a necessidade de se adaptar às mudanças produzidas na sociedade.

O conceito de instituição é um movimento de forças históricas fazendo e desfazendo as formas produzidas e reproduzidas pela acção do homem. Sendo assim, a instituição é uma entidade dialéctica, conflitual, contraditória que se produz e se reproduz no conflito.

Logo, a instituição escola passou a estar dependente de processos de uma reforma, inovação ou mudança nos seus sistemas educativos.

As grandes linhas de evolução da escola têm de seguir as grandes linhas de evolução da sociedade. As escolas terão de caminhar no sentido da diversificação, da descentralização, da desmassificação e da criatividade.

A mudança é, assim, um processo lento e contínuo quase ligado à continuidade e à regulação dos sistemas. É inquestionável que a sociedade actual sofre o efeito da mudança rápida e contínua das novas tecnologias, pelo que a escola, através do sistema educativo, terá que evoluir para fazer o seu acompanhamento, proporcionando novos saberes, meios, competências aos agentes de ensino para que o processo de ensino aprendizagem vá de encontro à lógica do saber fazer dos alunos.

A sociedade de hoje com o acesso às novas tecnologias passou a dispor de uma maior, mais rica e actualizada informação, tornando-se para o indivíduo como que uma imposição e necessidade de a utilizar.

A Escola está inserida em meios regionais diferentes uns dos outros, cada um com uma vivência, tradição e cultura própria, mas que porém sem deixar de se poder adaptar ao sistema escolar imposto na sociedade e economia que a rodeia.

A instituição escolar "habituada" a saber adaptar-se às mudanças contínuas e à nova dinâmica social, saberá interpretar os seus desafios e deverá saber responder às suas necessidades sociais e pedagógicas, potenciando uma nova imagem de valores, atitudes, hábitos de linguagem para uma sociedade heterogénea e complexa, a sofrer constantes e rápidas transformações.

Diz Canário (1992) que o estabelecimento de ensino "é um espaço de fabricação por excelência em função de uma elite", onde é ministrado para o aluno médio, cujo currículo é repartido por disciplinas, muitas vezes desarticulado, com assuntos repetitivos nalgumas disciplinas e pouco adequado à integração de conhecimentos e daí segundo o mesmo autor "será um obstáculo à mudança".

Até à segunda metade da década de oitenta, a escola como estabelecimento de ensino "tradicional" é marcada pela rigidez, pelo carácter repetitivo, pela transmissão de conhecimentos do professor e uso do manual escolar na sala de aula, e

os alunos sentados, de costas uns para os outros, virados para o quadro numa posição passiva de ouvintes.

A partir de 1986 com a publicação da Lei de Bases do Sistema Educativo, a escola sofreu profundas alterações, deixou de privilegiar exclusivamente a memória, e de ser o único lugar de aprendizagem e passou para uma actuação centrada num percurso formativo, contínuo, mais cultural, virada para o exterior da aula, em que se formam cidadãos autónomos capazes de desenvolver pesquisa e investigação e criar hábitos de trabalho.

"Nos estabelecimentos de ensino, enquanto organizações sociais, o factor humano tem um carácter contingente que condiciona bastante a possibilidade de fazer previsões seguras e precisas sobre a evolução, o que podemos aspirar é a elaboração de teorias formais sobre o modo como se processam. Porém, enquanto nos sistemas fechados, as condições iniciais determinam o estado final, nas escolas condições semelhantes, podem corresponder a pontos de chegada muito diversos ou um estado final semelhante pode ser atingido através de um percurso e processos diferentes." Canário (1990).

A escola, criada como local de formação passou a confrontar-se com os saberes da não - escola ou escola paralela e se mostra como um dos espaços sociais em formação permanente e que a escola não domina bem como nem conhece completamente.

Perante o conjunto de novas situações formativas que vem do exterior da escola e estando em manifesta contradição com os saberes próprios da escola, colocaram o problema da sua mudança. Pelo que a autonomia das escolas através da Lei de Bases do Sistema Educativo, concretizado pelo decreto-lei nº43/89 de 3 de Fevereiro previa a elaboração de um Projecto Educativo próprio, e cujas medidas recaíam para as mudanças e inovações que tem como terreno privilegiado o desenvolvimento das escolas.

As mudanças impostas pelo poder político nem sempre conseguem transformações profundas e duráveis em virtude de encontrarem algum sentimento de resistência à

mudança por parte da escola e professores, isto segundo a explicação de natureza teutónica.

A Escola tem de saber preparar as pessoas para aceitarem uma transformação estrutural de modo a adaptar-se a um contexto social em transformação.

Esta tendência inscreve-se nas grandes linhas de força do movimento da mudança da escola que se desenvolve segundo uma lógica (implícita ou explícita) de ruptura com estabelecimento de ensino tradicional.

As escolas reagem a perturbações ou mudanças introduzidas do exterior que causam "perturbações" mas que responde tanto pela rejeição como pela "recuperação", transformando-as então e adequando as mesmas à sua lógica de funcionamento Canário (1992).

O espaço escolar teve de se adaptar às mudanças em que cada vez mais passaram a receber minorias étnicas e culturais, com uma linguagem própria, relações culturais, económicas distintas e as dificuldades especiais ou não em aprender. Assim, a escola tem uma função social, já que essas minorias amadurecem umas com as outras nas relações e na troca de opiniões e todos aprendem em conjunto.

A escola muda, mudando a relação com a comunidade, o que induz modificações globais e quantitativas no funcionamento da instituição escolar através de um processo de transformação e de mudanças em cadeia.

A reforma é como uma mudança em larga escala, abrangendo o conjunto do território nacional, de forma imperativa e cujas opções políticas pré - definem finalidades e objectivos educacionais, visando alterações numa estrutura do sistema a que se aplica.

Na reforma, os processos de mudança são exteriores à escola e são planificados numa forma sequencial por etapas, pelos órgãos legislativos nacionais e onde predomina uma lógica de mudança instituída.

Segundo Bousquet (1974) perito da UNESCO, o conceito de reforma " será uma sequência de operações encadeadas de forma causal através da introdução de novos métodos nas salas de aula, mas que previamente exigiu uma preparação do

professorado, aquisição de novos equipamentos, elaboração de "Soft - Ware" medidas administrativas e financeiras, mas diz ele ainda que " basta falhar uma destas sequências para se paralisar uma reforma ".

Capítulo II

O Contexto do Estudo

Neste capítulo, descreve-se o contexto onde se insere este trabalho de investigação a Biblioteca / Centro de Recursos de uma Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos de Setúbal; Caracterização da Escola e do Meio, O Centro de Recursos, Recursos Materiais, Recursos Humanos, Funcionamento, Potencialidades Educativas, Animação/ Actividades organizadas em colaboração com o CRE.

2.1. A Escola e o Meio

A escola objecto de estudo, foi inaugurada no ano lectivo 1983/84, mais precisamente no dia 15 de Outubro de 1984 e situa-se numa zona central de Setúbal, recebendo alunos de sua área de residência assim como alunos provenientes de zonas periféricas.

Começou como Escola Preparatória, e mais tarde, transformou-se em escola C+S, integrando durante alguns anos alunos de 7ºano, quando este era o primeiro ano do Ensino Secundário.

Com a reforma do ensino, e o alargamento da escolaridade obrigatória ao 9ºano, a escola passou a ser considerada básica, com o nome de Escola Básica 2 e 3.

O desenvolvimento e a expansão da cidade, a escola, constituída por cinco pavilhões independentes, balneários, dois campos alcatroados para jogos e alguns espaços envolventes de lazer, fizeram com que a escola ficasse rodeada por uma urbanização pesada e asfíxiante.

A comunidade educativa que nasceu e continua a crescer em torno da escola é formada, em grande parte por casais jovens de proveniência diversa, facto que dificulta o estabelecimento de laços afectivos e de pertença entre a "Escola e o Meio".

2.2. O Universo Escolar

O universo escolar no presente ano lectivo é de 1040 alunos, sendo 240 provenientes dos arredores da cidade e 800 alunos da zona residencial onde a escola fica inserida. Pertencem ao 2º Ciclo 26 turmas e 15 ao 3º Ciclo respectivamente.

Relativamente ao número de docentes, o quadro da escola inclui um total de 108 professores, sendo que 63 são do 2º ciclo e 45 são do 3º ciclo, 75 pertencentes à categoria do Quadro de Nomeação Definitiva e 33 do quadro de nomeação provisória.

No que respeita ao pessoal não docente, a escola tem um total de 49 funcionários, distribuídos da seguinte forma:

- Auxiliares de Acção Educativa	33
- Administrativos	14
- Técnicos Auxiliares da A.S.E	2
- Técnicos da S.P.O	3

A Direcção Executiva é assegurada pela Comissão Executiva Instaladora, que no presente ano lectivo se encontra representada por sete elementos. O alargamento da sua representatividade tem a ver com o facto da escola estar a funcionar pela primeira vez como Agrupamento Vertical com outras escolas. Todos os seus representantes são professores do Quadro de Nomeação Definitiva, com perfil de formação adequado às necessidades do Projecto Educativo de Escola.

2.3. Origem do Centro de Recursos

Com o desenvolvimento da tecnologia, a evolução social e a necessidade dos alunos aprenderem mais, exigem da escola e dos docentes um envolvimento no processo de mudança educativa, pois esta é vital para o seu sucesso. Implica desta forma que os professores utilizem pedagogias e estratégias diversificadas, indo ao encontro das necessidades reais dos alunos.

Esta dinâmica pressupõe a utilização de várias fontes de informação, a pesquisa, o tratamento de dados e a produção de materiais.

É com este espírito de mudança que a biblioteca, em 1984, entrou em funcionamento, tendo sido ao longo dos anos objecto de várias transformações, inicialmente no que diz respeito às dinâmicas de animação pedagógica implementadas, tendo no ano lectivo de 2000/2001, sido também feita a reorganização e ampliação de espaços.

A professora responsável pela direcção da biblioteca, em Fevereiro de 1998, apresentou uma candidatura ao programa da Rede de Bibliotecas Escolares.

A Escola foi seleccionada, tendo procedido ao envio definitivo da proposta em finais de Maio.

O objectivo principal deste projecto pedagógico teve como finalidade transformar a biblioteca em Centro de Recursos Multimédia, espaço facilitador da criação e desenvolvimento de "habilidades de informação " planeamento, pesquisa, actuação critica perante a quantidade e diversidade de informação.

Assim, para se proporcionar aos alunos a construção do seu próprio conhecimento, houve necessidade de reorganizar e ampliar espaços, adquirir equipamento de base, investir na actualização do fundo documental e elaborar o Regulamento do C.R.I.A.R, incluído no Regulamento Interno da Escola, assim como, no Plano de Actividades tendo sido articulado com o Projecto Educativo de Escola em que o tema aglutinador era " Educar para a Cidadania, Promovendo o Sucesso Escolar" detectaram-se os pontos críticos que se consubstanciaram na elevada taxa de insucesso e no abandono escolar verificado.

2.4. Recursos Materiais

Para dar resposta às dificuldades detectadas tornou-se imprescindível a reorganização e ampliação do espaço disponível, interligando todas as salas contíguas, adquirir equipamentos de base, investir na actualização do fundo documental e potenciar a articulação com outros projectos (integrados no programa Nónio séc.

XXI), sendo a sua concretização dificultada pelas barreiras físicas existentes. Foram feitas alterações a nível da instalação eléctrica (para a integração em rede dos computadores já existentes e dos adquiridos), executados vãos em alumínio e vidro, substituído o antigo soalho e pintado todo o espaço de intervenção.

Quanto aos equipamentos, foi dada prioridade à aquisição, de estantes que permitissem o livre acesso, assim como mobiliário e material audiovisual/informáticos apropriados aos novos espaços nucleares criados.

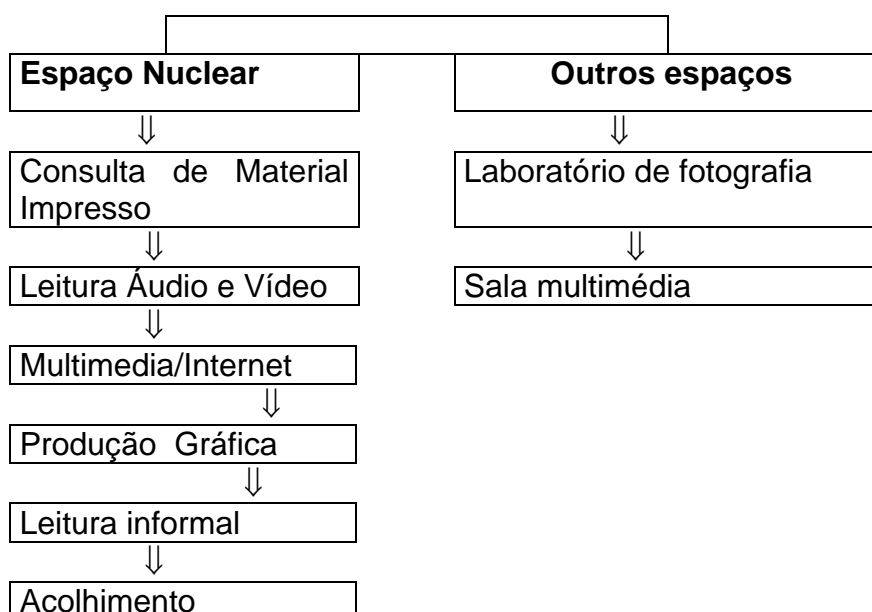
A aquisição do fundo documental foi levada a cabo tendo como base:

- Catálogos de documentação, editados no âmbito do programa da rede de bibliotecas escolares e distribuídos à escola;
- Sugestões de leitura incluídas no folheto " literatura para a infância e a juventude" do Ministério da Cultura e do Instituto Português do livro e das bibliotecas;
- Consultas efectuadas aos grupos disciplinares e responsáveis por projectos e estruturas da escola (Coordenadores dos Directores de Turma, Equipa dos Apoios Educativos, responsáveis pela sala de estudo;
- Levantamento de sugestões de utilizadores do Centro de Recursos

Para fazer face à aquisição de todos estes recursos, a DREL atribuiu na altura à escola uma verba de 37.500 €, que foi distribuída de acordo com as necessidades sentidas nos diversos espaços de intervenção. Presentemente o Centro de Recursos oferece instalações exclusivas, espaçosas e agradáveis, de fácil acesso e ajustadas às novas realidades.

Segue-se um esquema com os vários espaços nucleares interligados mas com funções específicas.

C.R.I.A.R



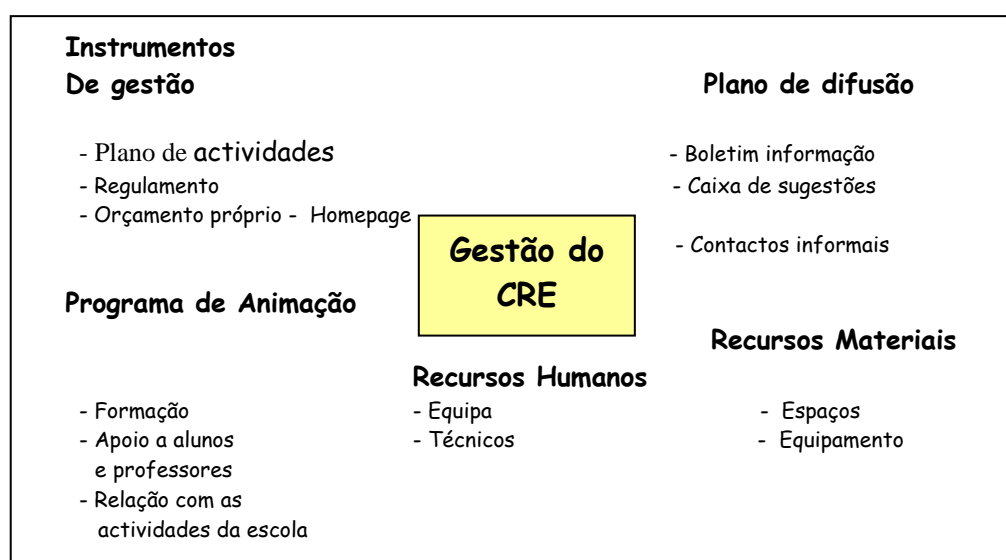
2.5. Recursos Humanos

Para assegurar o desenvolvimento das várias funções o C.R.I.A.R, conta com a gestão colegial de uma equipa educativa multidisciplinar, constituída por 3 professores do Quadro de Nomeação Definitiva, tendo a cooperação de duas auxiliares de acção educativa afectas a tempo inteiro. As responsáveis dos projectos de fotografia, clube Net da Oficina do Saber da sala Multimédia e alunos monitores, também trabalham cooperativamente com esta equipa. A referida equipa foi constituída á cinco anos, assegurando um trabalho que resultou de um programa de acção conjunta, que teve como base alguma experiência de conhecimentos acumulados, resultantes da

frequência de acções de formação desenvolvidas. Para além, dos elementos acima referidos, o C.R.I.A.R. conta ainda com a participação dos professores que para complemento do seu horário, escolheram este espaço para desenvolvimento de actividades de enriquecimento curricular.

2.6. Funcionamento

Houve a preocupação de dar resposta às necessidades/interesses dos alunos de acordo com as faixas etárias e o meio sócio - económico e cultural envolvente, assim como das diferentes disciplinas e projectos de trabalho da escola. O Centro de Recursos funciona das 9h da manhã às 18h da tarde assegurando durante todas as horas de funcionamento, os vários serviços de apoio aos seus utilizadores: utilização presencial em sistema de livre acesso nas zonas, empréstimo domiciliário, empréstimo interno (para sala de aula e outros espaços da escola), consulta de um catálogo com ficheiros informatizados de todos os documentos, apoio aos utilizadores na consulta e produção de documentos em diferentes suportes, reprodução de documentos, plastificação e encadernação de trabalhos. A gestão do C.R.I.A.R é inscrita num processo de construção e reconstrução que se centra na interacção entre múltiplas vertentes, que favorecem o funcionamento deste espaço.



2.7. Animação/Actividades do Centro de Recursos

As actividades de animação de um Centro de Recursos, são um conjunto de actividades planeadas e executadas para optimizar a utilização dos recursos, sendo o "segredo" para o sucesso deste espaço quando devidamente difundidas. (Canário, 1994).

Passo a referir algumas das actividades de animação, desenvolvidas no Centro de Recursos.

- Visitas guiadas: apresentação do C.R.I.A.R aos novos professores e a todas as turmas de 5ºano.
- Visitas guiadas: apresentação do C.R.I.A.R aos novos professores e a todas as turmas de 5ºano.
- Exposição de fotografias de actividades dinamizadas pelo Centro de Recursos.
- Actividades dinamizadas pelos alunos monitores, relativas a cada um dos sectores.
- Acções de formação de curta duração para professores e funcionários;
- Divulgação das listagens do fundo documental por áreas temáticas;
- Levantamento mensal das presenças, por ano de escolaridade e por turma e divulgação
- Demonstração/apresentação de material audiovisual e multimédia adquirido;
- Feira do livro temática de acordo com as propostas dos departamentos e /ou projectos curriculares de turma;
- Concurso " dá volta ao texto " (destinado aos alunos dos 1º, 2º e 3º ciclos);
- "A Prata da Casa" - espaço aberto à divulgação/ exposição venda de trabalhos de professores, funcionários e restante comunidade escolar;

-
- Feira da Ladra Multimédia;
 - Prémios
 - Atribuição de diplomas trimestrais às turmas que mais frequentam o C.R.I.A.R;
 - Atribuição de prémios no final do ano lectivo;
 - Formação de alunos monitores para apoio às actividades;
 - Oficinas pedagógicas para professores, alunos e A.A.E;
 - Professores
 - Apresentação (cartazes e acetatos);
 - Introdução de trabalhos/divulgação de actividades na página da NET;
 - Utilização da máquina fotográfica digital/projector multimédia;
 - " À volta das palavras " - actividades ligadas à utilização de dicionários electrónicos e de papel;
 - Auxiliares da acção educativa
 - Funções básicas de informática/programas de processamento de texto/Internet...na perspectiva do apoio aos utilizadores do Centro
- de Recursos;
- Alunos
 - Actividades e desenvolvimento de competências no âmbito da formação de alunos monitores;
 - Organização de Baús/Maletas Pedagógicas
 - Conclusão do Baú sobre Sexualidade
 - Organização do Baú " 100 Fronteiras "

2.8 Potencialidades

O Centro de Recursos, é um espaço de concretização da inovação pedagógica, fundamental no desenvolvimento do currículo escolar e formação integral dos alunos. Estudos sobre literacia têm vindo a demonstrar que existe uma relação estreita entre acessibilidade a espaços e recursos de leitura e o nível de desempenho dos alunos.

Nesta perspectiva a criação de um Centro de Recursos, poderá constituir uma medida essencial da política educativa. Deverá ser entendido como um espaço multimédia de livre acesso, afirmando-se como centro de iniciativas inserido na vida pedagógica da escola e aberto à comunidade escolar.

O Centro de Recursos, deverá tornar-se um núcleo da vida da escola, atraente, acolhedor e estimulante, que potencie aos alunos:

- Um ambiente que lhes pertença e se habituem a considerar o livro e a informação como necessidade do dia-a-dia e como fontes de prazer e de desenvolvimento pessoal;
- Valorizar as aprendizagens experimentais, promovendo a integração das dimensões teórica e prática;
- Tenham acesso à informação e ao conhecimento, através de grande diversidade de livros, jornais, revistas materiais audiovisuais e tecnologias de informação;
- Possam descobrir e alimentar o prazer de ler e de se informarem recorrendo a fontes documentais disponíveis nos mais variados tipos de suportes;

-
- Promover um ambiente que estimule o uso progressivo e generalizado de tecnologias multimédia e de rede (Internet), visando o desenvolvimento de competências.
 - Possam estudar e encontrar com facilidade fontes documentais, se habituem a seleccionar e gerir informação para realizarem actividades curriculares (individualmente ou em grupo, autonomamente ou com apoio docente e de técnicas especializadas);
 - Adquiram competências e autonomia no domínio da informação escrita, digital e multimédia e produzam documentos em suportes e linguagens diversificadas;
 - Desenvolver a aprendizagem de competências do pensar;
 - Criar mecanismos que levem à aquisição e desenvolvimento de competências a nível metodológico e cognitivo;
 - Deve também ser um lugar onde os professores:
 - Se sintam num ambiente que lhes pertence e adquiram o hábito de tomar iniciativas,
 - participando na sua animação, actualização e enriquecimento;
 - Encontrem informação variada, utilizável no seu trabalho docente e possam requisitar livros e outros documentos nos mais variados tipos de suportes para as actividades da sala de aula;
 - Recolham sugestões, ideias e materiais que os inspirem e apoiem no seu trabalho docente e no ajustamento aos alunos e às turmas;

-
- Possam recorrer aos responsáveis do Centro de Recursos, para debater modalidades de incentivar nos alunos o prazer de ler e a aprendizagem centrada na procura autónoma de informação;
 - Possam encaminhar os seus alunos para que ali realizem actividades de estudo ou de ocupação de tempos livres;
 - Apoiar os programas curriculares, propiciando uma abordagem mais interessante do processo ensino/aprendizagem;
 - Possam encaminhar os seus alunos para ali realizarem actividades de estudo ou de ocupação de tempos livres.

Deve ainda ser um lugar onde todos encontrem registos de memória da escola e do seu meio envolvente, através de documentos ali produzidos, contribuindo assim para reforçar a identidade da escola e da comunidade local.

Capítulo III

Neste capítulo identifico e justifico a metodologia utilizada neste estudo, de modo a fazer o seu enquadramento conceptual.

Seguidamente apresento pormenorizadamente os processos levados a cabo na recolha e análise dos dados.

3.1 Metodologia

Os novos saberes e respectivas tecnologias introduzem novos modos de pensar, novas linguagens e metodologias.

Como já foi referido, pretende-se compreender a relação que os utilizadores têm com o espaço do CRE; como mobilizam os seus recursos, quais as suas opiniões relativamente a este espaço, qual a interacção que existe entre a mobilização dos recursos, as práticas, frequência e utilização desse espaço.

Assim, para dar resposta às questões definidas para este trabalho de investigação, entendeu-se ser mais adequada a metodologia qualitativa "estudo de caso" que leva a um estudo aprofundado de natureza globalizante e compreensiva.

A investigação qualitativa em educação assume muitas formas e é conduzida em múltiplos contextos, Bogdan e Biklen (1994). Segundo os mesmos autores "(...) o trabalho de campo e de investigação qualitativa tem variado ao longo do tempo e entre diferentes utilizadores."

Para obtenção da informação foram utilizadas técnicas como: inquérito por questionário e análise documental.

Especificando: os dados que fundamentam o trabalho foram recolhidos através de um questionário feito aos utilizadores do CRE (docentes e alunos dos 6º e 9º anos de escolaridade) e com base numa observação realizada na Biblioteca / Centro de Recursos Educativos alvo da investigação.

Um dos procedimentos técnicos privilegiados numa primeira fase foi a recolha de opiniões através de inquérito por questionário, utilizando na sua construção perguntas "fechadas" e perguntas "abertas".

Este questionário, de administração directa, apresenta características vantajosas neste estudo - permitiu uma recolha rápida de informações, e o anonimato dos respondentes contribui para a autenticidade das respectivas respostas.

Do universo de estudo faziam parte professores e alunos dos 6º e 9º anos sendo respectivamente duas turmas de 6º ano e duas de 9º.

Os alunos alvos deste estudo estavam em final de segundo e terceiro ciclos, ou sejam alunos que já têm uma opinião formada como utilizadores dos espaços que a escola disponibiliza. No 6º ano foram inquiridos alunos que no ano anterior mais utilizaram o CRE - 37 - (dados retirados a partir da análise documental do CRE) e no 9º ano foram alvo 50% - 35 - dos alunos por já frequentarem a escola desde o 5º até ao 9º anos.

No que diz respeito aos professores foram inquiridos cerca de 40% - 40 docentes - de um universo que engloba a totalidade dos docentes da escola.

Estas opções ajudaram a reunir um conjunto diversificado de informações, facilitando a reflexão e caminhos a seguir acerca do plano de investigação, à medida que se ia desenvolvendo e as dúvidas iam surgindo.

Partindo do pressuposto de que o Centro de Recursos é um todo constituído por diferentes componentes em constante interacção: a equipa pedagógica nomeada e responsável, os recursos educativos disponíveis e o espaço físico onde o mesmo se encontra inserido, foi abordado o contexto em que a escola se insere, as características do respectivo Centro de Recursos, focalizando as pesquisas nas várias dimensões: recursos, funcionamento, actividades e potencialidades.

Durante a observação realizada no ambiente de trabalho do CRE, nos seus diversos sectores, foram analisados vários documentos, tais como: regulamentos dos CRE's, mapas de registo de presenças e de ocupação dos locais dos centros, horários, historial da escola e dos centros de recursos.

Esta recolha de dados e análise dos mesmos permitiu identificar os pontos comuns e os pontos divergentes, assim como as diferenças estruturais do CRE da escola em análise e que contribuiu para a construção do modelo de análise subjacente à elaboração do inquérito por questionário. (Ver Anexos)

Este estudo pretende valorizar a importância da apropriação dos espaços pelos utilizadores dos Centros de Recursos e evidenciar mais activamente a dinâmica deste como elo no processo educativo.

Para evitar constrangimentos e por respeito a todos que de algum modo participaram neste estudo foi esclarecido o propósito do estudo em causa e garantido o anonimato.

3.2. Análise documental

Constitui uma técnica valiosa de abordagens de dados qualitativos desde que devidamente trabalhada e respeitando algumas regras. Procura identificar informações factuais, nos documentos em análise a partir de questões ou hipóteses de interesse.

Segundo Judith Bell (2004) " A familiaridade com as diferentes categorias de provas ajudá-lo-á a tomar decisões acerca do que é fundamental para o projecto, É então necessária uma selecção controlada para assegurar que nenhuma categoria importante é deixada de fora."

Delineou-se a conjugação destas técnicas uma vez que é investigado um tema com características subjectivas, em que as vivências individuais podem condicionar as respostas. Reconhecendo que a investigação qualitativa é demorada; é um trabalho intensivo. Por isso, visou obter informação sólida e concentrada, evitando uma área muito vasta.

Foi seleccionado um assunto cuja extensão e dificuldade pareceu razoável, a fim de o poder concluir com as fontes existentes e disponíveis, dentro do prazo previsto.

O Projecto Educativo de Escola, Regulamento Interno, Plano Anual de Actividades Regulamento e Plano de Actividades do CRE, foram instrumentos determinantes no complemento da avaliação do questionário e da análise documental.

Estes documentos conduziram a um melhor entendimento da dinâmica e procedimentos, quer da instituição escola, quer do espaço CRE no sentido de complementar as informações recolhidas acerca da utilização dos meios disponíveis e o ambiente.

3.3. Inquérito por questionário

Serve esta técnica para fazer a comparabilidade de respostas a questões aplicadas a indivíduos que irão constituir a amostra de "utilizadores" a estudar. Serão adoptadas questões claras e objectivas, para que desta forma não existam quaisquer dúvidas.

É uma metodologia que utiliza a investigação quantitativa.

Toda a acção de pesquisa se traduz no acto de perguntar, assim, os questionários constituem fontes importantes de informação. A principal vantagem desta opção foi a possibilidade de quantificar uma multiplicidade de dados e de proceder por conseguinte a várias análises de correlação que ajudou nas conclusões finais.

Os inquéritos elaborados têm como base outros já utilizados em trabalhos similares como por exemplo Canário e Oliveira (1992), assim como nas opiniões de professores com experiência na coordenação e utilização do Centro de Recursos e ainda nas questões de investigação previamente definidas.

Os mesmos foram elaborados em diferentes etapas, no sentido de validar o seu conteúdo, clareza de linguagem, estrutura e sequencialização das questões da investigação previamente definidas.

Foi escrita uma nota introdutória (anexo 1), com o objectivo de sensibilizar os inquiridos para o propósito do trabalho, garantindo a confidencialidade das informações recolhidas.

Do mesmo modo foi dado a conhecer este estudo aos Órgãos de Gestão da Escola.

Cada questionário é composto por 17 e 14 itens (respectivamente docentes e alunos) distribuídos por três áreas que passo especificar: caracterização dos professores e alunos; utilização de recursos, frequência e permanência e por último o essencial desta investigação, a percepção, apropriação e limitações dos espaços e zonas de trabalho.

A primeira área contém itens que contemplam as características pessoais e profissionais dos utilizadores.

A segunda, compreende os itens de modalidades de utilização, frequência e permanência do CRE.

A terceira compreende a percepção e apropriação do espaço, ambiente e limitações.

Capítulo IV

Apresentação e discussão de dados

1. Resultados do inquérito por questionário

Serão apresentadas neste capítulo as informações que se consideram mais relevantes para este estudo, que foram obtidas através do questionário.

Para que haja uma melhor compreensão dos resultados decidi dividir este capítulo em três secções.

A primeira contém itens que contemplam as características pessoais e profissionais dos utilizadores.

A segunda, compreende os itens de modalidades de utilização, frequência e permanência do CRE.

A terceira compreende a percepção e apropriação do espaço, ambiente e limitações.

1.1. Características dos utilizadores (docente e alunos)

A primeira parte dos questionários procurava apurar as características da amostra seleccionada dos utilizadores da B/CRE. Foi identificado um conjunto de características como: sexo, idade, grupo disciplinar, nível de ensino, vínculo à escola, horário, tempo de serviço docente e tempo de serviço docente na escola, relativamente a docentes.

Relativamente aos alunos, identificaram-se características como: sexo, idade, horário, ano de escolaridade que frequenta e há quantos anos frequenta a escola.

Tabela 1 - Caracterização dos docentes

Sexo			Idade			Grupo disciplinar			Anos de serviço			Situação profissional		Anos na escola		Horário	
Sexo	Freq.	%	Faixa	Freq.	%	Grupo	Freq.	%	Anos	Freq.	%	Situação	Freq.	Anos	Freq.	Horário	Freq.
F	33	80%	20 - 30	2	5%	11ªA	1	2%	2	1	2%	PQND	36	0	3	Manhã	11
M	8	20%	31 - 40	12	29%	11ªB	1	2%	9	1	2%	PQNP	0	1	2	Tarde	6
			41 - 50	20	49%	12º	2	5%	10	4	10%	Contratado	2	2	6	Misto	24
			51 - 60	6	15%	1º	6	15%	11	5	12%	Outra	3	3	3		
			> 61	1	2%	2º	2	5%	13	1	2%			4	5		
						3º	3	7%	14	3	7%			5	4		
						4º	3	7%	15	6	15%			6	1		
						5º	8	20%	16	1	2%			9	2		
						6º	3	7%	17	1	2%			10	2		
						8ºA	4	10%	18	1	2%			11	1		
						8ºB	1	2%	20	1	2%			12	2		
						9º	2	5%	21	1	2%			15	1		
						E.T	1	2%	23	3	7%			17	2		
						Ed.Espec.	1	2%	24	2	5%			18	1		
						Ed.Fisica	2	5%	27	1	2%			20	4		
						Ed.Mus.	1	2%	28	2	5%			21	1		
									30	1	2%			22	1		
									31	2	5%						
									32	3	7%						
									34	1	2%						
TOTAL	41			41			41			41			41		41		41

Como se pode observar no **Tabela 1**, o número de docentes inquiridos é maioritariamente feminino.

O nível etário situa-se acima dos 40 anos de idade.

Dos professores inquiridos, 80% pertencem ao Quadro de Nomeação Definitiva, sendo os 1º e 5º Grupos disciplinares os que responderam a mais questionários. A maioria dos docentes tem horário misto.

Observo existir uma relativa estabilidade profissional, condição necessária para que estes docentes se envolvam em projectos educativos.

A maioria dos docentes tem 15 anos de serviço docente, mas só exercem as suas funções nesta escola há mais de dois anos.

Isto pode significar que a formação de base destes professores foi feita através de um ensino tradicional predominantemente "expositivo" daí que as novas tecnologias talvez ainda sejam um obstáculo para muitos.

Tabela 2 - Caracterização dos alunos

Sexo		Idade		Horário		Escolaridade		Frequência na Escola	
Sexo	Freq.	Idade	Freq.	Período	Freq.	Ano	Freq.	Anos	Freq.
F	40	10	2	Manhã	35	6	37	2	31
M	32	11	24	Tarde	37	9	35	3	7
		12	4					4	2
		13	7					5	27
		14	22					6	4
		15	9					7	1
		16	3						
		17	1						
TOTAL	72		72		72		72		72

Conforme se pode verificar na **Tabela 2** a distribuição de alunos masculinos e femininos, nas turmas inquiridas é bastante equilibrada.

A maioria dos alunos frequenta a escola há dois anos e há cinco anos.

Os ciclos têm horários quer no turno da manhã, quer no da tarde.

Posso, ainda referir que os alunos, maioritariamente, têm tido sucesso escolar pois 27 alunos estão na escola há 5 anos (alunos do 9º ano) e 31 estão há dois anos (alunos do 6ºano).

1.2. A Frequência, permanência e utilização de recursos

Gráfico 1 - Frequência de docentes

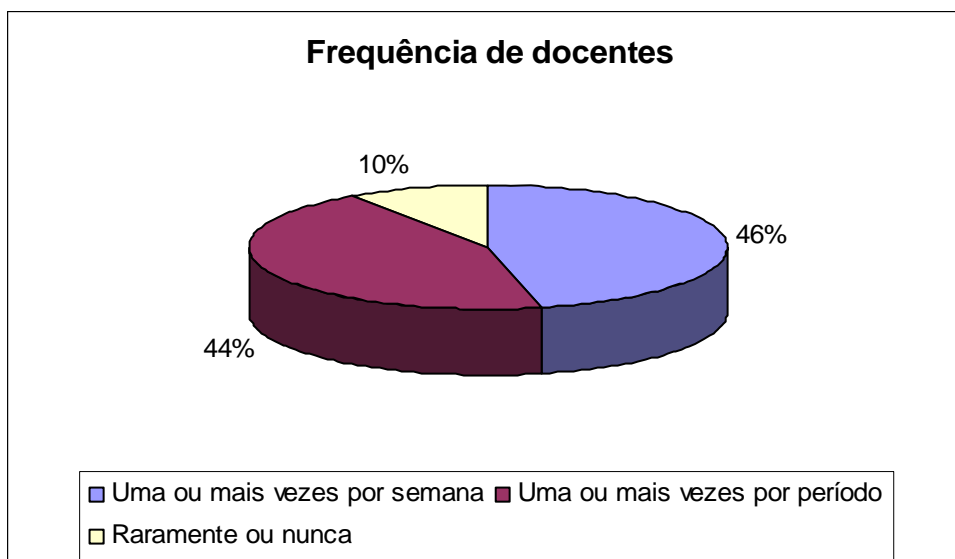
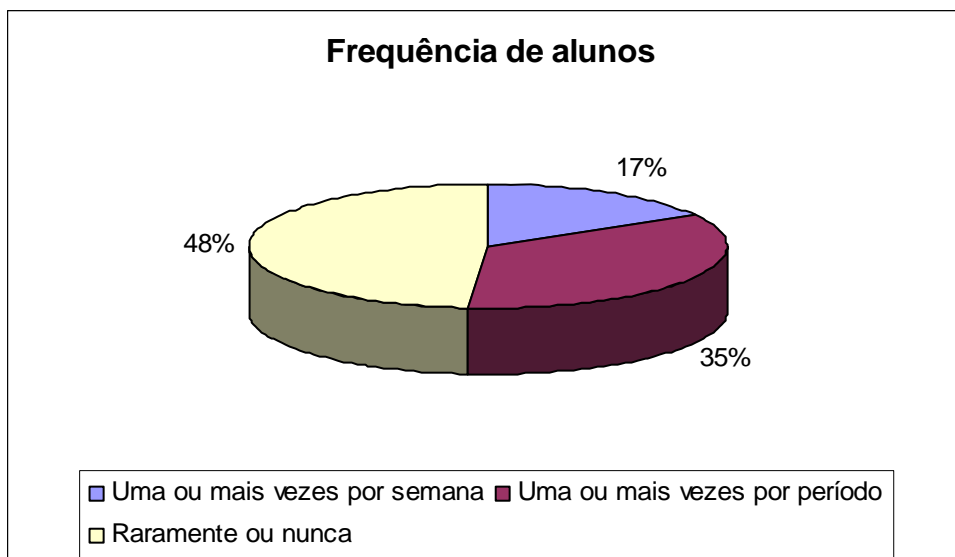


Gráfico 2 - Frequência de alunos



A leitura dos **gráficos 1 e 2**, revelam a regularidade da frequência do CRE, concluindo-se que todos os inquiridos com maior ou menor assiduidade utilizam este espaço. Contudo, uma grande maioria de alunos raramente ou nunca vai ao CRE. O mesmo não acontece com os docentes, pois somente 10% dos mesmos não frequenta.

Para a leitura e análise dos dados relativos à permanência, **gráficos 3 e 4**, dos utilizadores do CRE, do universo da amostra dos inquiridos, considero pertinentes os seguintes indicadores:

- período do dia de utilização;
- tempo médio de cada utilização;
- utilização de espaços.

Gráfico 3 - Período de permanência - Docentes

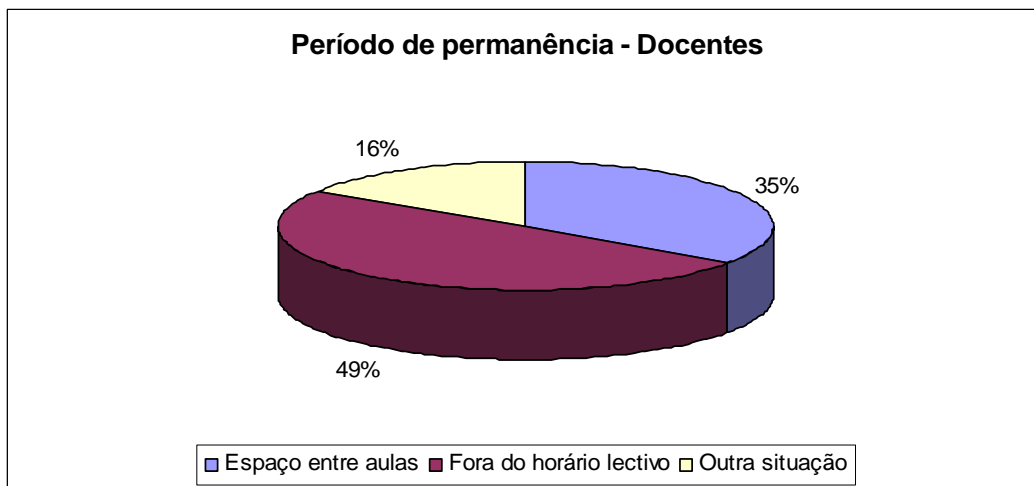
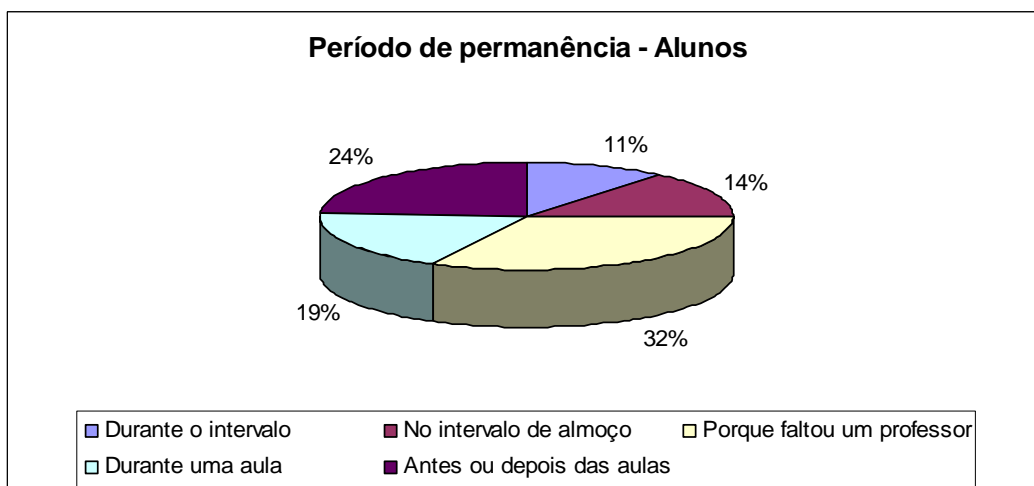


Gráfico 4 - Período de permanência - Alunos



Deduzo que a maioria dos docentes utiliza o CRE fora do tempo do horário lectivo e em intervalos e espaço entre aulas.

Os alunos vão ao CRE quando falta um professor ou fora dos tempos lectivos.

Posso concluir que são raras as idas conjuntas, dos professores com os alunos ao CRE durante o período das aulas.

De acordo com os dados permanece ainda a ideia, do CRE, como um "lugar consagrado à ocupação de tempos "mortos" que pode ter efeitos positivos em relação aos alunos, mas que continua remetido a uma zona periférica e circum-escolar, sem possibilidade de retroagir sobre as aulas, núcleo duro e nobre do currículo escolar" (Canário, 1992)

Gráfico 5 - Tempo de permanência - Docentes

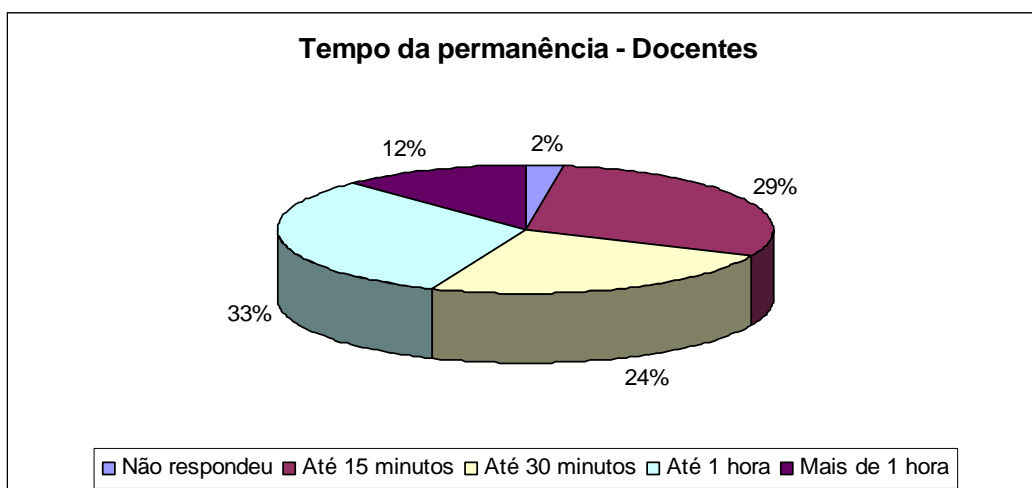
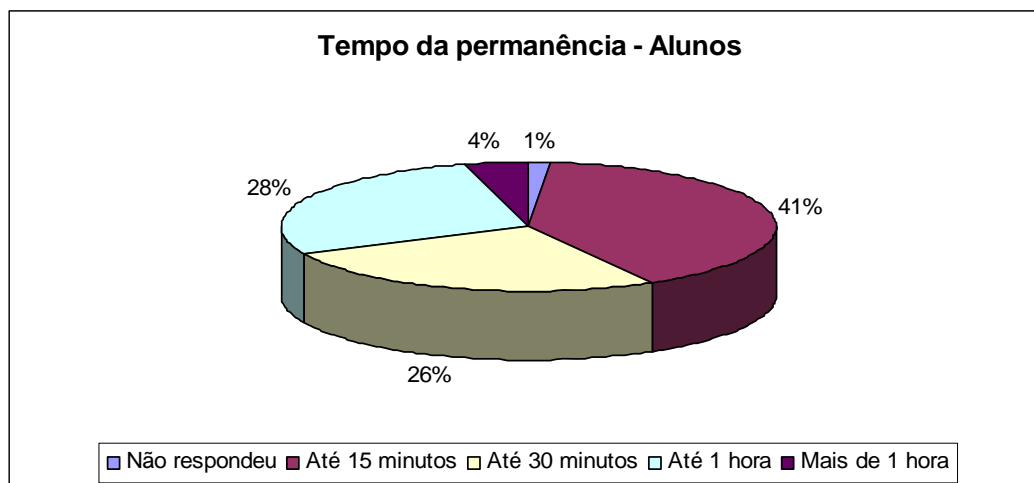


Gráfico 6 - Tempo de permanência - Alunos



O tempo de permanência em cada utilização do CRE é francamente positiva, pois a grande maioria declara utilizá-lo entre 15 minutos a 1 hora, embora uma faixa importante da amostra revele permanecer no tempo mínimo apresentado na questão. Esta situação é comum tanto nos docentes como nos alunos.

Estes dados em conjunto com os da questão anterior, embora considerados favoráveis, podem significar que o CRE é mais utilizado para actividades individuais, (recolha de informação ou documentação) do que para actividades planeadas com as turmas.

Esta constatação pode reforçar a ideia de que, como afirma (Canário, 1992) "...a inovação em vez de instituir uma dinâmica transformadora contribui para reforçar a lógica (acumulação de informação) que era suposto contrariar...".

Para o estudo do terceiro indicador, que se refere a vários tipos de utilização do CRE, **gráfico 7**, os dados revelam o seguinte: a grande maioria dos inquiridos apropria-se do CRE para procurar informação e documentação, requisição dos

mesmos e utilização de equipamentos informáticos com a frequência máxima indicada na questão anterior.

Pela análise dos dados verifica-se que uma percentagem significativa dos inquiridos refere dirigir-se ao CRE para requisitar materiais.

Isto significa que a maioria dos docentes começa a tomar consciência do papel que o CRE desempenha, como núcleo dinamizador da transformação que urge operar no processo ensino-aprendizagem. Acredita, portanto, nas potencialidades que este espaço lhes oferece, para o desempenho das suas tarefas educativas.

Gráfico 7 - Utilização do CRE - Docentes

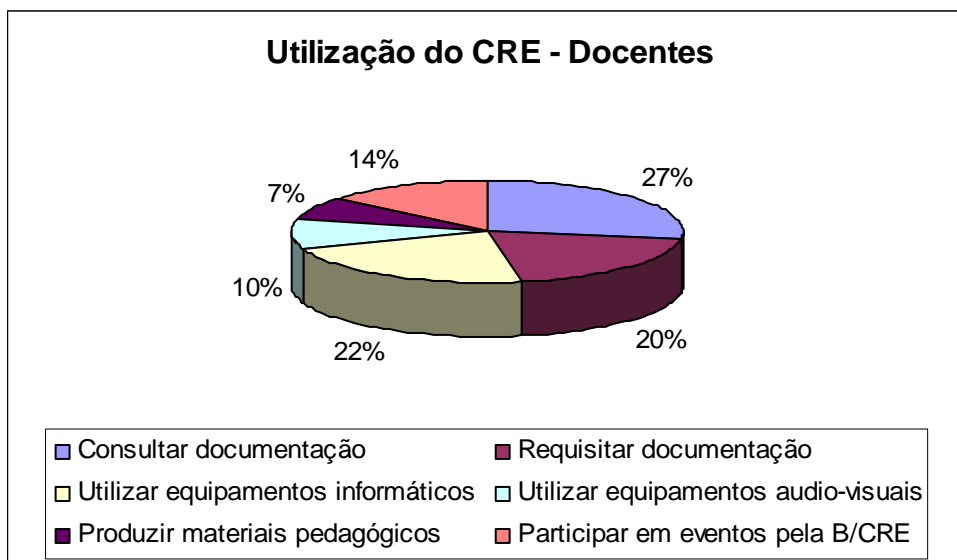
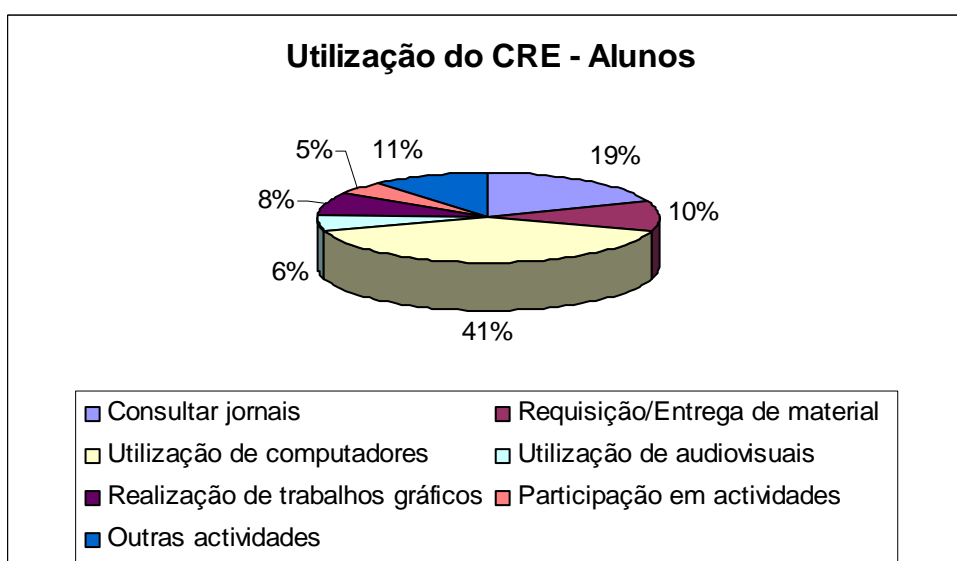


Gráfico 8 - Utilização do CRE - Alunos



O **gráfico 8** revela que os alunos inquiridos vão ao CRE para, essencialmente, utilizarem os computadores, para requisitar/entregar material e consultar jornais.

Referindo outras actividades, recolheram-se as seguintes respostas:

-
- Apresentação de trabalhos realizados com as turmas
 - Investigação sobre temas específicos
 - Ler jornais, revistas etc.
 - Apoiar os alunos em trabalhos, recuperação/organização de jogos, Exposições de livros e outras temáticas
 - Requisição de livros, jornais e revistas Problemas com os computadores noutros espaços.
 - Actividades a nível da informática.
 - Exposições.

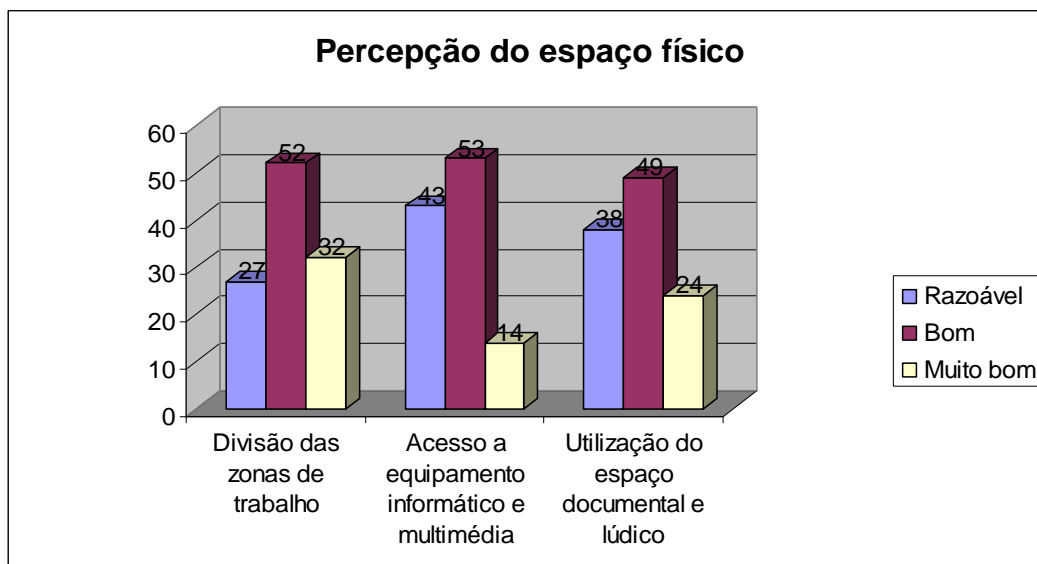
Estas respostas, que poderiam de certa forma estar incluídas nos parâmetros anteriores, evidenciam algum envolvimento dos professores na dinâmica do CRE; não li suficiente, porém, para fazer dele um espaço aberto à comunidade escolar e local. Essa abertura pode ser incrementada, através de uma maior divulgação de actividades que mobilizem os seus recursos, da participação em projectos comuns e de outras participações de serviços e iniciativas.

1.3. A percepção dos espaços, ambientes e limitações

Os gráficos que seguidamente passo a apresentar reflectem as percepções que os utilizadores (universo alunos e professores, em conjunto) têm do espaço e dos ambientes de trabalho.

Poderei inferir se existe apropriação do espaço em estudo pelos utilizadores.

Gráfico 9 - Avaliação do espaço físico

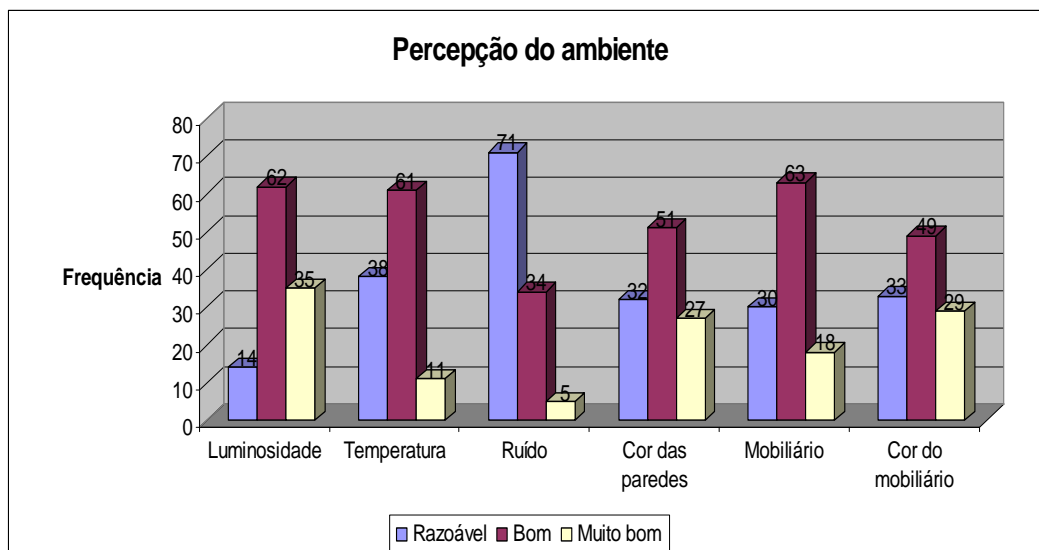


No **gráfico 9** os utilizadores entendem como boa a divisão das zonas de trabalho, acessos e utilização do espaço nuclear.

Quanto aos ambientes das zonas de trabalho da B/CRE, **gráfico 10**, mencionam que os ruídos existentes são toleráveis, sendo este um dos aspectos a melhorar.

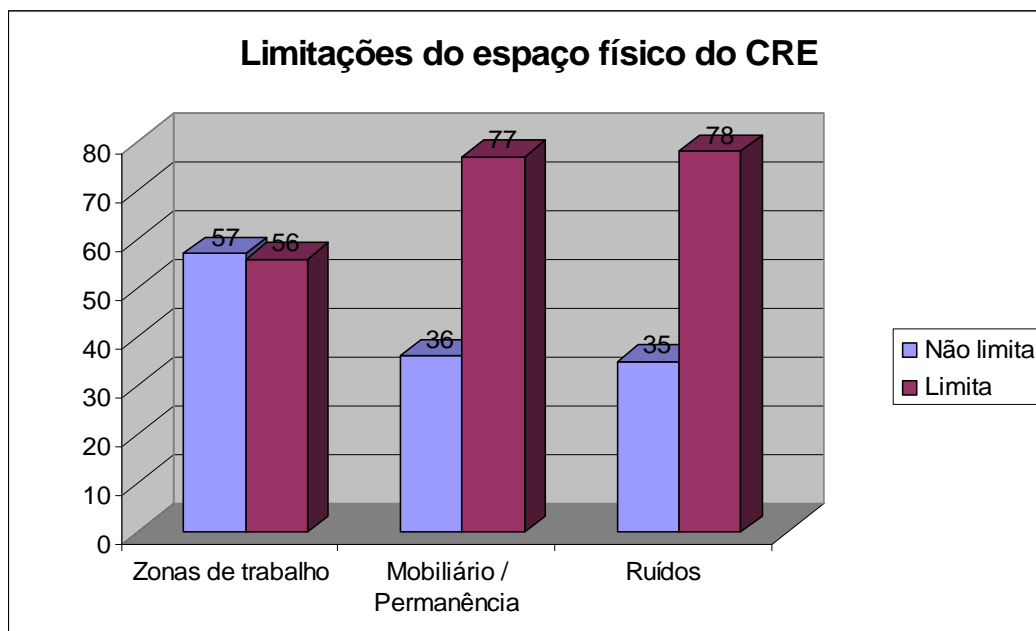
Consideram os restantes factores percebidos como bons.

Gráfico 10 - Percepção do ambiente



No **gráfico 11** os respondentes, mencionam como limitadores da permanência, no espaço em estudo, os ruídos e o mobiliário, o que poderá significar que existe algum desconforto relativamente ao modo como os utilizadores se comportam durante a permanência nas zonas de trabalho e utilização dos respectivos equipamentos e mobiliário. Curiosamente, percebem a divisão do espaço das zonas de trabalho de uma maneira "coerente", talvez porque as avaliam como um todo e não isoladamente.

Gráfico 11 - Limitações da permanência no espaço físico do CRE



As respostas obtidas traduzem existir uma apropriação do espaço B/CRE pelos seus utilizadores, que consideram o seu ambiente bom e confortável.

A organização do espaço interior é deveras importante, devendo existir uma dinâmica que proporcione ambientes de utilização do mesmo, que se adapte e transforme como impulsionador da aprendizagem e interação social.

2. Os resultados da observação

2.1. Observação naturalista

A Biblioteca/Centro de Recursos Educativos alvo da minha observação situa-se no Bloco A (bloco principal) onde se localizam os Serviços Administrativos, o Serviço de Acção Social Escolar, a sala de Directores de Turma, o Conselho Executivo, a sala de Professores e o Posto Médico. Este bloco é central e de fácil acesso a qualquer aluno, assim como, aquando da apresentação dos 5º anos (anos iniciais na escola) e no contexto da visita guiada feita pelos Directores de Turma, é-lhes feita uma descrição pormenorizada sobre todos os serviços acima referidos sendo um deles a Biblioteca/Centro de Recursos Educativos.

O registo desta observação tem como objectivo perceber períodos de funcionamento do CRE e tudo o que lhe é inerente, de forma a tentar compreender melhor os dados retirados a partir do tratamento dos questionários e de relacioná-los.

Para isso foi criada uma grelha de observação tendo em conta algumas questões levantadas através dos referidos questionários, a qual se encontra em anexo.

A observação naturalista foi efectuada durante uma semana, umas vezes durante o período da manhã, outras no da tarde, conforme o meu horário o permitiu e durante o horário de funcionamento do CRE, das 9h às 18h.

Refira-se que, na maior parte das vezes, os dias eram quase rotineiros pois a grande parte dos alunos e professores têm conhecimento das regras de funcionamento do local e cingem-se àquilo que desejam e o que pretendem realizar/utilizar.

A Biblioteca / Centro de Recursos Educativos tem uma área de aproximada de 170 m², é constituída por várias zonas de trabalho interligadas, com boas condições físicas, espaços abertos e bem iluminados.

Assim, e logo de manhã aquando da abertura da Biblioteca/Centro de Recursos Educativos, em bastantes alturas já se encontravam alunos a aguardar pelas funcionárias, os alunos entram e perante as várias possibilidades de entretenimento estes sabem que têm sempre de registar no livro de presenças a sua passagem por aquele local; então, quem pretende utilizar os computadores, tem um livro para o efeito; quem somente pretende utilizar o B/CRE para consultar/pesquisar ou realizar

trabalhos - grupo ou individuais - necessita de registar unicamente o número e a turma. No entanto, aqueles que pretendem utilizar material audiovisual, para além de registar a sua presença noutra livro, têm também de solicitar junto da funcionária qual o material pretendido, e somente ela poderá retirar dos respectivos locais os materiais solicitados na medida em que muitos alunos utilizam o computador para jogos lúdicos, (...)

Refira-se que a zona dos computadores é a mais frequentada e solicitada por todos os alunos da escola. Assim como a zona mais silenciosa de trabalho de pesquisa/consulta ou realização dos mesmos.

Há ainda aqueles alunos que entram para requisitar livros ou chegam para devolvê-los. Estes últimos contactam a funcionária que estiver na recepção e entregam os livros. Os outros procuram o que querem, com ou sem ajuda da funcionária, e depois para requisitarem o pretendido, preenchem uma ficha com a sua identificação bem como do material que requisitaram.

No período do almoço a Biblioteca/Centro de Recursos Educativos fecha e na parte da tarde a rotina é igual. Com a excepção de serem alunos mais velhos os frequentadores deste espaço e terem mais prática na utilização das várias zonas de trabalho.

No que diz respeito aos docentes, já não há a mesma rotina. Estes frequentam a Biblioteca / Centro de Recursos Educativos mais durante os intervalos para consulta de material ou requisição dos mesmos.

Os docentes têm livre acesso à sala multimédia, podendo consultar a Internet, imprimir ou simplesmente pesquisar.

Durante esta semana de observação, nunca apareceu nenhum docente com os respectivos alunos no quadro de uma qualquer actividade lectiva, os responsáveis pela Biblioteca/Centro de Recursos Educativos também não desenvolveram qualquer actividade que envolvesse alunos e docentes.

Prática comum de todos os utilizadores (docentes e alunos) é a consulta diária de publicações periódicas.

2.2. Reflexão

Relativamente ao que inicialmente se propôs saber neste trabalho de investigação, e no que concerne às representações que os utilizadores têm do CRE, ficou claro que alunos e professores sabem da sua existência, mas não o rentabilizam de uma forma mais sistemática na sua prática diária. De uma maneira geral, todos usufruem dos recursos nos seus diferentes espaços nucleares, sem no entanto lhes dar uma aplicabilidade pedagógica, inovadora no âmbito das actividades desenvolvidas na prática lectiva.

Ficou relativamente explicitado a opinião avaliativa de professores e alunos quanto é positivo o funcionamento deste CRE na medida em que a grande maioria dos utilizadores não apontou nenhuma dificuldade ou incompatibilidade na utilização deste espaço.

No que diz respeito à frequência do CRE pelos inquiridos é notório que são os professores que mais o declararam fazer. Contudo, e a partir da observação naturalista posso sustentar precisamente o contrário, pois são os alunos que procuram mais os recursos existentes no CRE.

Assim, há que explicar porque razão cerca de metade dos alunos ter referido que raramente vão ao CRE. Através da observação naturalista posso encontrar tal explicação, ou seja, tudo leva a crer que são os alunos mais novos (de 6º ano) que se deslocam com maior frequência ao CRE, diminuindo esta à medida que avançam nos anos de escolaridade.

No que concerne ao período de permanência, tanto alunos como docentes, são unânimes quanto ao facto de nunca frequentar o CRE em conjunto, não o utilizando num quadro pedagógico. Por isso, prevalece junto do corpo docente a ideia de que o CRE não possui meios nem recursos para que uma prática pedagógica se possa

desenvolver, com todas as fases exigidas. Ainda continuamos "agarrados" aos manuais escolares e ao próprio espaço da sala de aula.

A partir da análise das respostas dadas relativamente à utilização do CRE há a ressaltar que tanto alunos como professores procuram o CRE para consultar/pesquisar e requisitar material, dando a ideia de que o CRE alvo deste estudo possui, a nível de fundo documental, uma grande diversidade que suporta as exigências dos seus utilizadores.

No que concerne aos meios informáticos conclui-se que ambos os utilizadores os incluem nas suas práticas. No entanto, esta inclusão é feita de modo diferenciado pois os alunos só acedem aos computadores que se encontram no espaço nuclear, para jogar ou realizar trabalhos escolares. Ao contrário nos docentes que podem navegar na Internet, pesquisar e recolher informação exterior, sem existirem restrições. Contudo, conclui-se que os computadores são um recurso apelativo a todos os utilizadores do CRE, estando os mesmos motivados para as novas tecnologias.

Falando agora na essência deste estudo, e de acordo com a análise dos gráficos posso aferir que, no que se refere à percepção das várias zonas de trabalho por parte dos seus utilizadores a avaliação é boa, o mesmo acontecendo com o acesso aos diversos equipamentos existentes naquele espaço, e ainda na forma como utilizam a zona documental e as restantes de cariz lúdico (audiovisuais/jogos). Assim, há que concluir que os utilizadores do CRE permanecem o tempo desejado sem existir conflitos no espaço envolvente e entre zonas de trabalho.

No entanto, verifiquei que o ruído é algo que pode impedir a permanência dos utilizadores, talvez por ser este um espaço aberto, amplo, sem existir quaisquer divisórias entre as várias zonas de trabalho.

Todo o restante que foi questionado foi considerado positivo, sem que isso prejudicasse a permanência dos utentes no centro. Este resultado pode ser sublinhado, uma vez que os inquiridos responderam, na sua maioria, que tanto o ruído como o mobiliário e zonas de trabalho podem limitar a permanência. Contudo, existe

boa relação entre os utilizadores, os recursos disponíveis e as limitações de espaço presentes.

Posso concluir que os utilizadores deste CRE estão satisfeitos com o espaço e serviços que este oferece, seja porque não conhecem outro, seja porque este é mesmo eficaz e corresponde ao pretendido.

Posso referir também que os professores e alunos utilizam o CRE; que este dispõe de boas condições, quer materiais, quer humanas. Assim confirma-se que a quantidade e qualidade de recursos existentes na escola são razões suficientes para que os utilizadores façam uma apropriação efectiva dos seus espaços e recursos.

Existe apropriação do espaço e ambientes neste CRE.

Apesar de tudo o que foi referido anteriormente, é imperativo que se implemente uma política educativa coerente com a Lei de Bases do Sistema Educativo, no sentido de adequar os currículos aos tempos que correm, à nossa realidade e às necessidades dos nossos alunos. É também pertinente que se forme pessoal responsável nestes locais (professores/pessoal não docente) e que se forneçam meios materiais necessários a fim de dignificar a função educativa da escola.

Torna-se assim imperioso publicar legislação sobre as Bibliotecas Escolares/CRE e fazê-la cumprir. Parece igualmente importante que os futuros projectos de escola e Projectos Educativos tenham espaços próprios nos Centros de Recursos, envolvendo-os numa gestão participada e de boas práticas, por todos os elementos da comunidade educativa.

2.3. Conclusão

Em todas as actividades escolares a motivação do aluno é tanto maior quanto mais próximo estiver o assunto das suas vivências e necessidades. Através delas, adquirem-se capacidades e competências de características pessoais das quais saliento a relação afectiva e a ligação ao meio, que criam impulsos para a vida.

As actividades mais interactivas vão ao encontro dos diferentes ritmos de aprendizagem mesmo dos alunos com necessidades educativas especiais. Apela à organização e aluno e professor assumem novos "papéis", o aluno investiga, consulta, decide, observa, recolhe e trata a informação cabendo ao professor orientar actividades.

Muitas vezes a reacção face às dificuldades é o desânimo, a lamúria e a queixa. Este estado de espírito tem estado associado à falta de tempo e de meios para conceber a "mudança", para proceder à concertação necessária e para constituir as equipas responsáveis por essa mudança mas sobretudo, à falta de formação ligada ao desenvolvimento e regulação das mudanças.

As experiências inovadoras constituem um processo de estímulo à transformação de vias possíveis para ultrapassar problemas das escolas e dos professores, assim como a um desafio para que sejam passadas a escrito e divulgadas situações de mudança significativas.

Podemos ensinar e aprender com programas que incluam o melhor da educação tradicional com as novas formas de comunicação virtual potenciadas no CRE.

A sociedade actual sofre o efeito da mudança rápida e contínua das novas tecnologias pelo que a escola, através do sistema educativo, terá de evoluir para fazer o seu acompanhamento, proporcionando novos saberes, meios e competências aos agentes do ensino, no sentido de o processo de ensino/aprendizagem vá de encontro da lógica do SABER FAZER.

É necessário cada vez mais que as "escolas" estejam familiarizadas com o uso de ferramentas multimédia, sabendo integrá-las como complemento na acção educativa, diversificando assim as situações e espaços de aprendizagem.

Penso que uma das grandes vantagens pedagógicas é permitir aos alunos o saber fazer as coisas, construindo o seu próprio saber num processo interactivo pelo qual desenvolva novas formas de aprendizagem e comunicação.

A elaboração, pelos alunos, de trabalhos recorrendo a recursos multimédia desenvolve sem dúvida um maior interesse e motivação por parte destes, mostrando-se mais participativos nas actividades escolares, e por consequência no desenvolvimento das respectivas competências.

Os recursos devem cada vez mais ser usados como complemento do ensino/aprendizagem, como um motor de motivação, criatividade e inovação. É um meio para uma nova cultura de ensino.

Se educar é avançar no tempo, o sistema escolar deverá esforçar-se por reduzir o seu tempo de resposta e apetrechar fisicamente as escolas para que todos os recursos possam ser utilizados naturalmente por professores e alunos.

A educação tem que se adaptar às necessidades das sociedades que "serve" e a actual, a nossa, é caracterizada por aquilo a que Toffler chamou a mudança de 3ª vaga.

Evoco, em jeito de reflexão final, uma passagem de Umberto Eco. "Há o hábito de pensar que se entra numa biblioteca para procurar um Livro. Não é verdade. Sim, por aí se começa mas o que na realidade se busca é a aventura. "

Bibliografia

AMIGUINHO, Abílio (1992) - *Viver a Formação: Construir a Mudança*. 1ª ed.. Lisboa: Educa.

ALVES, Marta Paula F. Mota (2000) - *Intervenção da biblioteca escolar no processo de ensino - aprendizagem: estudo de caso*. Lisboa: [s.n].

BARROSO. C. (1983) - *O Centro de Recursos Educativos da E. P. Marquesa de Alorna. Um caso de inovação endógena*. Separata da revista *Aprender*. Nº 8. Portalegre: ESEP.

BELL, Judith (2004) - *Como realizar um projecto de investigação*. 3ª Edição: Lisboa: Gradiva

BENAVENTE, Ana, COSTA, F. António, MACHADO, L. Fernando e NEVES, C. Manuela (1991) - *Do outro lado da escola*. Lisboa: Editorial Teorema / Colecção Terra Nostra.

BENAVENTE, Ana (1990) - *Escola Professores e Processos de Mudança*. Lisboa: Livros Horizonte.

BENAVENTE, António e outros (1998) - *A Reforma do Ensino: Um Processo Social*. Associação Portuguesa de Sociologia.

BENAVENTE, Ana, PONTE, João P. (1989) - *A Escola e os Áudio - Visuais*. Departamento de Educação da Faculdade de Ciências da Universidade Nova. Lisboa.

BENTO, Cecília, (1991) - *Centros de Recursos Educativos. Potencialidades e Actualidade*. [Tese de mestrado] Lisboa: Projecto Minerva, Projecto Infra. Departamento de Educação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

BRAS, Maria Helena Bandeira (1998) - *Colecção: Bibliotecas Escolares - DAPP*. 1ª Edição.

CALIXTO, José António (1996) - *A Biblioteca escolar e a sociedade da informação*. Lisboa: Caminho.

CALIXTO, José António (1996) - *O Perfil Profissional e a Educação do Bibliotecário Escolar*. In cadernos BAD.

-
- CANÁRIO, R., BARROSO, C., OLIVEIRA, F. e PESSOA, A. M. (1994) - *Mediatecas escolares: Génese e Desenvolvimento de uma Inovação*. Lisboa: IIE.
- CANÁRIO, Rui, OLIVEIRA, Fernando (1992) - *O Centro de Recursos Educativos: Frequência e Modalidades de Utilização pelos Professores*.
- CANÁRIO, Rui (1992) - *O Estabelecimento de Ensino no Contexto local*. In *Inovação e Projecto Educativo de Escola*. Lisboa: Educa.
- CANÁRIO, Rui (1998) - *Desenvolvimento de bibliotecas escolares e formação contínua de professores*. Ministério da Educação: Bibliotecas Escolares. Lisboa.
- CANÁRIO, Rui, Santos, I. (Org.), (?) - *Desenvolver Práticas Profissionais Reflexivas*, Cadernos I.C.E. - Educação e Inovação nº6.
- CANÁRIO, Rui (2004) - *Da Documentação ao Saber: O Papel das Bibliotecas Escolares*. In *conferencia> Escola Superior de Educação de Setúbal*.
- DELANNOY, J. (1983) *Guia para a transformação de bibliotecas escolares*. Lisboa: Livros Horizonte.
- ECO, Umberto (1987) - *A Biblioteca*. Lisboa: Difel.
- FIGUEREDO, A. Dias (?) - *O Futuro da Educação Perante as Novas Tecnologias*. In *Entrevista Fórum Estudante*.
- GUILARDI, Franco ; SPALLAROSSA, Carlo (1989) - *Guia para a organização da escola*. s.ed. Rio tinto: Edições Asa.
- HARGREAVES, Andy (1998) - *Os professores em Tempos de Mudança*. McGraw-Hill.
- LANÇAR A REDE DE BIBLIOTECAS ESCOLARES - relatório síntese Grupo de trabalho criado pelos despachos conjuntos nº 43/ME/MC95 de 29 de Dezembro e nº 5ME/MC/96, de 9 de Janeiro Coordenação: Isabel Veiga, Cristina Barroso, José António Calixto Teresa Calçada, Teresa Gaspar - Edição do Ministério da Educação - 1ª Edição: Lisboa (1996).
- LOUREIRO, Carlos, Prefácio, FORMOSINHO, João. (2001) - *A docência como profissão*. 1ª ed. Lisboa: Edições Asa.
- NÓVOA, António (1999) - *Profissão Professor*. 2ª ed. Porto: Porto Editora.

NÓVOA, António (1997) - Os professores e a sua formação. Lisboa: D. Quixote/Instituto de Inovação Educacional.

MARQUES, Maria Teresa (1992) - Centro de Recursos e Formação de Professores. [tese de mestrado]. Faculdade de Ciências e Tecnologia de Lisboa.

MIALARET, Gaston; VIDAL, Jean - História mundial da educação" IV Volume - de 1945 aos nossos dias - Biblioteca da Educação - Editoria - Reinaldo de Carvalho RES - Editora, Lda.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO: NÚCLEO DE EDUCAÇÃO RECORRENTE E EXTRA - ESCOLAR - Animação de bibliotecas de pequena comunidade. Cadernos de formação nº 4. Lisboa (1993).

PERRENOUD, Philippe (2000) - Dez Novas Competências para Ensinar. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.

PESSOA, Ana Maria (1994) - A Biblioteca Escolar: Organização para uma pedagogia do 1º Ciclo do Ensino Básico ao final do Ensino Secundário. 1ª ed. Porto: Campo das Letras.

PESSOA, Ana Maria (1996) - A Biblioteca na (s) Escola (s): de um desnecessário passado a um futuro cheio de esperança. In Cadernos BAD.

PESSOA, Ana Maria (1994) - A biblioteca escolar. Porto: Campo das Letras.

PRATES, Maria Cristina (1985) - Noções de Bibliotecnomia. Cadernos F.A.O.J. Alqueirão: s.ed. FAOJ.

QUE POSSO FAZER NA BIBLIOTECA DA ESCOLA: ficheiro para a autonomia dos utilizadores. Coord. Cristina Barroso. Lisboa : M.E. (1998).

TEIXEIRA, Vera (1997) - Criação e dinamização de pequenas bibliotecas: algumas linhas de orientação. Lisboa: LPLB.

VEIGA, Isabel (1997) - Lançar a rede de Bibliotecas escolares: Ministério da Educação.

Manifesto da Biblioteca Escolar da IFLA/UNESCO

<http://www.ifla.org/VII/s11/pubs/portug.pdf>

Directrizes da IFLA/UNESCO para a Biblioteca Escolar (em esp.)

<http://www.ifla.org/VII/s11/pubs/sguide02-s.pdf>

ANEXOS

Modelo de análise subjacente à construção do questionário

Conceito-chave	Dimensão	Indicadores	Item	Categorias de análise
Utilização Do CRE	Frequência E utilização do CRE	Utilizações por período lectivo	9	9;10;11;12 vs 13;14
		Limitações à utilização	10	
		Período de utilização	11	
		Tempo de permanência	12	
Modalidades de trabalho		13 e 14		
	Percepção Do espaço do CRE	Divisão das zonas de trabalho	15	1-Razoável 2-Bom 3-Muito Bom
		Acessos Proximidade das zonas		
	Percepção Do ambiente do CRE	Luminosidade	16	1-Razoável 2-Bom 3-Muito Bom
		Temperatura Ruídos Cor das paredes e do mobiliário Mobiliário		
	Limitações do espaço físico do CRE	Zonas de trabalho vs permanência Mobiliário vs permanência Ruídos vs permanência	17	0 a 5 - Não limita 5 - Ideal 5 a 10 - Limita

Anexo 1

Aos utilizadores do B/CRE

Este inquérito faz parte de um trabalho académico, que se está a desenvolver na Universidade Aberta.

Tem como finalidade obter opiniões dos utilizadores dos Centros de Recursos da escola.

Agradecemos a vossa colaboração no preenchimento deste questionário e garantimos a confidencialidade das informações recolhidas.

O questionário é anónimo. Depois de preenchido deverá ser entregue dentro de um invólucro fechado na Comissão Executiva.

Gratos pela vossa colaboração

Anexo 2 - Questionário dirigido aos docentes

1. **Sexo:** M__ F__

2. **Idade:** _____

3. **Grupo disciplinar:** _____

4. **Níveis de ensino:** 2º Ciclo__ (1) / 3ºCiclo __ (2)

5. **Vínculo à escola:**

PQND _____(1)

PQNP _____(2)

Contratado _____(3)

Outro?

Qual? _____(4)

6. **Horário:** Manhã __ (1) Tarde __ (2) Misto __ (3)

7. **Tempo de serviço docente:** _____ anos

8. **Tempo de serviço na escola:** _____anos

9. **Com que frequência utiliza os espaços do centro de recursos**

Uma ou mais vezes por semana __ (1)

Uma ou mais vezes por período__ (2)

Raramente ou nunca__ (3)

10. **Se respondeu raramente ou nunca à questão 9 refira porquê.**

Difícil acessibilidade __ (1)

Falta de motivação__ (2)

Relacionamento interpessoal __ (3)

Outra__ (4)

Qual? _____

11. **Frequenta o CRE durante:**

Espaço entre aulas __ (1)

Fora do horário lectivo __ (2)

Outra situação __ (3)

Qual? _____

12. Sempre que utiliza o centro de recursos permanece:

Até 15 minutos ____ (1)

Até 30 minutos ____ (2)

Até 1 hora ____ (3)

Mais de 1 hora ____ (4)

13. Utiliza o CRE para:

Consultar documentação ____ (1)

Requisitar documentação ____ (2)

Utilizar equipamentos informáticos ____ (3)

Utilizar equipamentos audio-visuais ____ (4)

Produzir materiais pedagógicos ____ (5)

Participar em eventos dinamizados pelo CRE ____ (6)

14. Que outras actividades o levam a utilizar os espaços do CRE

Mencione _____

15. Como vê o espaço físico do CRE em cada um dos aspectos:

Coloque uma cruz no número que melhor traduz a sua percepção:

1-Razoável

2-Bom

3-Muito Bom

Aspectos	1	2	3
Divisão das diferentes zonas (estudo, jogos, computadores, etc)			
Acesso às TIC e equipamento multimédia			
Proximidade entre a zona de estudo e a lúdica			

16. Como vê o ambiente do CRE em cada um dos aspectos:

Coloque uma cruz no número que melhor traduz a sua percepção:

1-Razoável / 2-Bom / 3-Muito Bom

Aspectos	1	2	3
Luminosidade			
Temperatura			
Ruídos			
Cor das paredes			
Mobiliário			
Cor do mobiliário			

17. Limitações do espaço físico do CRE:

- a) Atendendo ao facto de a zona dos livros estar afastada da zona dos computadores no CRE, pode ou não esta situação limitar a sua permanência. Classifique de acordo com a seguinte escala.

0__1__2__3__4__5__6__7__8__9__10__ (coloca uma X)

- b) O mobiliário pode ou não facilitar os períodos de permanência no CRE. Classifique numa escala de 0 a 10 como vê esta situação.

0__1__2__3__4__5__6__7__8__9__10__ (coloca uma X)

- c) Os ruídos produzidos pelas diferentes zonas de trabalho podem ou não prejudicar os períodos de permanência no CRE? Classifique numa escala de 0 a 10.

0__1__2__3__4__5__6__7__8__9__10__ (coloca uma X)

Anexo 3 - Questionário dirigido aos alunos 6º e 9º anos

1. **Sexo:** M__ F__

2. **Idade:** _____

3. **Horário:** Manhã __ (1) Tarde __ (2)

4. **Ano que frequentas:** _____º ano

5. **Frequentas a escola há quantos anos:** _____anos

6. **Quantas vezes vais ao centro de recursos?**

Uma ou mais vezes por dia __ (1)

Uma ou mais vezes por semana __ (2)

Raramente ou nunca __ (3)

7. **Se respondeste raramente ou nunca à questão 6 diz porquê.**

Difícil acessibilidade __ (1)

Falta de motivação __ (2)

Falta de tempos livres __ (3)

Outra __ (4)

Qual? _____

8. **Vais ao CRE durante:**

Durante um intervalo __ (1)

No intervalo do almoço __ (2)

Porque faltou um professor __ (3)

Durante uma aula __ (4)

Antes ou depois das aulas __ (5)

9. **Sempre que utilizas o centro de recursos permaneces:**

Até 15 minutos __ (1)

Até 30 minutos __ (2)

Até 1 hora __ (3)

Mais de 1 hora __ (4)

10. Utilizas o CRE para:

- Consultar jornais, revistas ou livros ____ (1)
Requisitar e/ou entregar um livro ou material audiovisual ____ (2)
Utilizar computadores ____ (3)
Utilizar equipamentos audiovisuais ____ (4)
Fazer trabalhos gráficos (recortes, colagens, cartazes, etc) ____ (5)
Participar em actividades dinamizados pelo CRE ____ (6)
Outra actividade ____ (7)
Qual? _____

11. Vais ao CRE para realizar uma actividade:

- Individual ____ (1)
Com um colega ____ (2)
Em grupo ____ (3)

12. Como vês as instalações do CRE em cada um dos aspectos:

Coloque uma cruz no número que melhor traduz a tua ideia:

- 1-Razoável
2-Bom
3-Muito Bom

Aspectos	1	2	3
Disposição das diferentes zonas de trabalho (computadores, livros, vídeos, cd-audio, etc)			
Acesso aos computadores			
Utilização do espaço para trabalhos escolares			

13. Como vês o ambiente do CRE em cada um dos aspectos:

Coloque uma cruz no número que melhor traduz a tua ideia:

- 1-Razoável
2-Bom
3-Muito Bom

Aspectos	1	2	3
Luminosidade (luz natural ou artificial)			
Temperatura (frio ou quente)			
Ruídos (barulhos entre zonas de trabalho)			
Cor das paredes			
Mobiliário (confortável, adequado à zona de trabalho)			
Cor do mobiliário (cores fortes ou suaves)			

14. Limitações do espaço físico do CRE:

- d) Atendendo ao facto de a zona dos livros estar afastada da zona dos computadores no CRE, pode ou não esta situação limitar a tua permanência. Classifica de acordo com a seguinte escala:

0__1__2__3__4__5__6__7__8__9__10__ (coloca uma X)

- e) O mobiliário pode ou não facilitar-te os períodos de permanência no CRE. Classifica numa escala de 0 a 10 como vês esta situação no CRE da tua escola.

0__1__2__3__4__5__6__7__8__9__10__ (coloca uma X)

- f) Os ruídos produzidos pelas diferentes zonas de trabalho podem ou não prejudicar os períodos de permanência no CRE? Classifica numa escala de 0 a 10.

0__1__2__3__4__5__6__7__8__9__10__ (coloca uma X)

Anexo 4 - Guião da Observação Naturalista

1-Localização no edifício

- Localização na planta (central/periférica)
- Acessibilidade (em relação aos utilizadores)

2-Definição do espaço

- Zonas de trabalho e respectivas funções
- Área total
- Origem dos espaços
- Características dos espaços (contínuos/isolados, abertos/fechados, interligados, condições de iluminação e arejamento)
- Distribuição espacial dos equipamentos
- Capacidade de acolhimento
- Outros aspectos (convidativo, confortável, diferente,...)

3-Normas e modalidades de utilização

- Horário de funcionamento (fixo/não fixo)
- Regulamento/Guia do utilizador (existe/não existe, o que prevê/o que não prevê)
- Quem são os utilizadores (alunos e pessoal docente e não docente da escola, de outras escolas, encarregados de educação,...)
- Como se utilizam as diferentes zonas de trabalho
- Quando se utilizam as diferentes zonas de trabalho**

4-Funções

- Serviços existentes, documentação e iniciativas diversas

Anexo 5

Quadro resumo - B/CRE - ESPAÇOS E A SUA ORGANIZAÇÃO

Localização no edifício	A maior parte do espaço ocupa uma posição central
Tipos de espaço/zonas de trabalho e a sua distribuição	Contíguo - 1 sala multidismédia, Biblioteca e Centro de Recursos. Separado - Laboratórios de fotografia e sala/arrecadação de áudio visual.
Situação em que se encontra a Biblioteca original	Sofreu alterações profundas e transformou-se em B/CRE.
Critérios dominantes na organização do espaço	Predomina a concentração de espaços, a divisão é parcialmente por equipamentos e existe a especialização de espaços por funções .

Quadro resumo - B/CRE - MODOS DE GESTÃO

Recursos humanos - Selecção e Formação	Conta com a gestão colegial de uma equipa educativa multidisciplinar, constituída por 3 professores do Quadro de Nomeação Definitiva, tendo a cooperação de duas Auxiliares de Acção Educativa, com formação , afectas a tempo inteiro.
Modalidades de Gestão	Não existe estrutura de gestão específica . Actividades de rotina com planeamento, coordenadas pelas AAE .
Orçamento	O processo de gestão do orçamento é feito pelo Conselho Executivo, com as orientações do Conselho Administrativo, após propostas das actividades da equipa da B/CRE. Não existe actividade produção de receita própria.
Política documental e de equipamentos	Não existe uma política de aquisições definida.

Anexo 6

Planta do espaço e zonas de trabalho actualmente em
funcionamento na
Biblioteca/Centro de Recursos Educativos